O filósofo Manuel Soares da Silva Bezerra

Por Everton Silveira

Fortaleza/Ceará
2026

Sumário

- Introdução
- A biografia do filósofo Manuel Soares da Silva Bezerra
- Os dogmas políticos do cristão (1864)
- O Compêndio de Gramática Filosófica de 1861
- Questão de Gramática Filosófica
- A ação católica de Manuel Soares da Silva Bezerra no Ceará
- Conclusão

Introdução

O filósofo cearense Manuel Soares passou por um longo período esquecido por falta de livros como o meu que faz uma breve introdução sobre a sua filosofia.

Eu sempre defendi a ideia de que Manuel Soares foi o nosso primeiro filósofo católico cearense e fundador da filosofia católica entre nós.

É a amizade com Deus que faz um filósofo católico. Quem não é amigo de Deus não pode ser considerado um filósofo católico. Por isso, Manuel Soares pode ser considerado um filósofo cearense amigo de Deus e filósofo católico propriamente dito e original.

Manuel Soares é um filósofo católico genuinamente cearense. Quem não conhece a obra desse glorioso cearense não sabe nada sobre a filosofia no Ceará.

A filosofia é uma atividade essencial da vida humana. Por isso é falsa a ideia que diz que foram os gregos que fundaram a filosofia. Eles foram os maiores filósofos, mas não os fundadores. A filosofia, o amor pela sabedoria, sempre existiu, e sempre vai existir. Ela faz parte da vida humana e surgiu junto com todos os povos.

Para mim, um filósofo é alguém que esteja buscando a sabedoria e a verdade, e que faz disso o maior objetivo da sua vida. Por isso, em qualquer lugar do mundo que existir um homem que busca a sabedoria e a verdade é naturalmente um filósofo.

Mas Jesus é a verdade como ensina a Igreja Católica. Por isso, a busca pela verdade nada mais é a busca por Jesus, porque quem o procura será feliz, mas quem o encontra, será sábio. E quem o imita será santo.

Sendo assim, a Igreja Católica pode ser considerada uma religião perfeita, pois ela é feliz, sabia e santa, porque ela possui Jesus como seu maior mestre.

***

Não passa esse livro de uma grande aventura da minha juventude. Durante toda a minha juventude eu segui um único caminho e uma única ideia que está comigo até nos dias de hoje quando já estão aparecendo alguns fios brancos em minha cabeça. Essa ideia se resume na seguinte frase: "Antes de conhecer os grandes filósofos da humanidade, conheça antes os grandes filósofos da sua terra". Eu chamo isso de "humildade filosófica". Eu aprendi essas coisas com o filósofo Hugo de São Vitor. Seguindo esse caminho eu consegui conhecer quase toda a literatura cearense e a obra de Manuel Soares da Silva Bezerra. Eu comecei com Farias Brito, o filósofo cearense mais notável junto Visconde de Sabóia, e irei terminar os meus estudos agora com Manuel Soares da Silva Bezerra. Talvez eu ainda publique algum livro sobre Farias Brito e Visconde de Sabóia.

Infelizmente, os cearenses têm o péssimo hábito de rejeitar tudo o que é genuinamente cearense, sobretudo na filosofia, tudo o que é genuinamente católico e admirar tudo o que não é cearense, tudo o que não é católico ou filosófico. Querem aprender tudo sobre a literatura ocidental ou oriental, mas sobre a literatura católica e cearense não possuem nenhum interesse real. Se os cearenses tivessem interesse em aprender a sua própria literatura, eles já teriam criado uma editora privada com o único objetivo de publicar livros raros da literatura cearense que estão na biblioteca pública do Ceará. Mas isso ainda não aconteceu.

Contudo, cada livro tem a sua utilidade. Se os livros escritos no Ceará no passado já desapareceram do comércio, é porque já atingiram a sua finalidade. Os livros que ainda são publicados são exatamente os livros que ainda não encontraram os seus devidos leitores.

O que há de errado com o Ceará? O que fez com que os católicos cearenses abandonassem a sua própria literatura? É pouco admirável o sucesso de escritores europeus aqui no Ceará, pois eles sempre possuíram todos os recursos necessários para serem escritores de sucesso. Mas no Ceará isso não existe. Por isso os nossos escritores cearenses mais famosos deveriam levar o nome de heróis. Publicar um livro no Ceará é um ato de heroísmo! E o filósofo Manuel Soares sempre publicou os seus livros em Fortaleza mesmo. Talvez

esse seja o principal motivo dele ser desconhecido no Brasil. Se ele tivesse publicado os seus livros no Rio de Janeiro como fazia José de Alencar, outro rumo teria tido a sua obra e a sua vida não teria ficado tão desconhecida como ficou. Porém eu estou escrevendo este livro justamente para resgatar a filosofia de Manuel Soares!

***

Comungando praticamente das mesmas ideias ultramontanas e católicas do grandioso filósofo cearense Manuel Soares da Silva Bezerra, resolvi escrever este pequeno trabalho como forma de resgatar o excelente trabalho de apologética católica do senhor Manuel Soares, porque a obra de Manuel Soares se faz extremamente necessária por causa dos tempos sombrios em que estamos vivendo. A filosofia de Manuel Soares funcionava muito bem no Ceará do século XIX e ainda pode funcionar hoje em dia.

Acredito que já está na hora ou que já passou da hora de resgatar a obra desse filósofo cearense combatente que travou uma enorme batalha e saiu vitorioso contra os heréticos do Ceará, o seu próprio irmão, o famoso espírita brasileiro Bezerra de Menezes e o seu próprio filho, o famoso historiador maçônico Antônio Bezerra. E o que mais me entristece é saber que os seus parentes maçônicos são

admirados e respeitados pelos católicos cearenses, mas o próprio Manuel Soares da Silva Bezerra, que era um verdadeiro católico, nunca recebeu homenagens dos católicos cearenses. Manuel Soares é muito mais importante para a história do Ceará do que os patéticos Antônio Bezerra e Bezerra de Menezes. Para esses dois, existem várias homenagens em Fortaleza e no Ceará, mas para o primeiro filósofo cearense não existe nem uma rua com o seu nome.

É uma grande injustiça que o Ceará faz com a obra de Manuel Soares da Silva Bezerra.

Eu sempre acreditei naquilo que Parsifal Barroso escreveu: "Sempre sustentei a tese de que o povo cearense é avesso à tradição e não cultua o passado, malgrado o esforço de uma pequena minoria heroica que mantém sua posição de contra-ataque, sempre em vão". Eu faço parte dessa pequena minoria que sempre busca no passado cearense a salvação da civilização no Ceará.

O filósofo Manuel Soares não pertence ao Ceará, mas sim ao mundo. Era um homem universal.

Aqui quero deixar uma pequena contribuição para que outros historiadores cearenses mais competentes e qualificados do que eu, possam escrever um livro sobre a história de vida do filósofo Manuel Soares da Silva Bezerra, porque ele é uma das maiores glórias da história do Ceará e que ainda não teve o devido reconhecimento.

Eu não tenho a capacidade para escrever um livro sobre a história de vida de Manuel Soares, porque acredito naquilo que escreveu o Frei Luís de Souza: "Na verdade escrever história com as partes que ela requer é mais obra da providência divina que de forças humanas, porque considerando o trabalho de escrever e os descontos que a escrita (ainda que seja acertada) tem por prêmio de juízos torcidos, e, muitas vezes, errados de quem lê, se não houvera instinto do céu, que moverá espíritos, foram impossível haver nenhum sisudo que se sujeitará a tamanha carga".

Este livro não é uma biografia; pelo menos não é uma biografia completa como eu gostaria de ter feito e não consegui. É apenas um livro simples cheio de reflexões filosóficas sobre Manuel Soares, e talvez eu seja o maior admirador dele. É um ensaio. Mas eu gostaria muito de possuir a obra completa de Manuel Soares da Silva Bezerra para fazer uma análise mais profunda e excepcional; mas não me foi possível.

A literatura cearense possui, mais ou menos, 200 anos e mesmo assim já se perdeu completamente. E por conta disso, eu cheguei à seguinte conclusão: que no século XIX e XX havia no Ceará muitos filósofos, e que eles escreviam uma imensa quantidade de livros e manuscritos que ultrapassava a nossa capacidade de lê-los. É muito raro ainda existir algum livro escrito por algum cearense que viveu no

século XIX e XX. E isso acontece porque as obras dos cearenses não têm valor local, mas apenas universal.

Sendo assim, tive que me limitar a poucas fontes sobre a vida de Manuel Soares. Uma delas são as edições de jornais escritos pelo próprio Manuel Soares, jornais do século XIX do qual encontrei poucas e raras edições. Entre eles: A América, Pedro II, A Tribuna Católica e O Ceará edição de domingo 2 de dezembro de 1888. Além do seu livro Compêndio de Gramática Filosófica publicado em 1861 e do livro Antigos e Modernos no Ceará Provincial de Celeste Cordeiro. O jornal O Ceará e A América foram as principais fontes que eu utilizei neste trabalho. E o livro da Celeste Cordeiro me serviu de estímulo para reflexões. Celeste Cordeiro foi uma grande pesquisadora da filosofia de Manuel Soares, embora ela provavelmente fosse uma crítica da filosofia dele. Porém, o livro dela é excelente.

***

Meu amigo leitor, este livro é cearense. Foi escrito para ser lido no Ceará, no mesmo lugar onde foi escrito. É um livro cearense que fala sobre um filósofo cearense.

A minha intenção com esse livro foi a de resgatar o nome do filósofo Manuel Soares e fazer breves reflexões sobre a sua filosofia, dentro da minha visão de mundo, com

o objetivo de torná-lo mais conhecido pelos estudantes de filosofia do Ceará.

Este livro pode ser considerado um comentário ao filósofo cearense Manuel Soares.

Este livro surgiu do meu interesse em conhecer os filósofos cearenses. Nasceu da minha busca por filósofos cearenses. Eu iniciei no ano de 2020 uma campanha de busca por filósofos cearenses e encontrei os nomes de Manuel Soares, Farias Brito e Visconde de Sabóia. Também encontrei outros filósofos cearenses interessantes que eu analisei em outro livro já publicado que se chama "A filosofia no Ceará".

Certo e verdadeiro é afirmar que já passamos da era dos grandes filósofos cearenses. Aqueles filósofos que eu analisei no livro "A filosofia no Ceará" deixaram o seu legado. Agora, nós que vivemos nestes tempos decadentes do século XXI, onde ninguém no Ceará é capaz de ser filósofo, cabe a nós apenas conservar e resgatar a obra dos grandes escritores cearenses. Existe no Ceará um conhecimento perene e eterno que se manifesta nos escritores cearenses.

O século XIX pode ser considerado a "Idade de Ouro" da literatura cearense. Foi nessa época que o Ceará atingiu o seu nível mais alto de civilização. Foi também naquele tempo que a economia do Ceará se desenvolveu por conta do algodão e fez a cidade de Fortaleza tornar-se a

cidade mais rica do Ceará. Foi também no século XIX que tivemos o início da nossa literatura e o surgimento de três grandes filósofos cearenses: Farias Brito, Manuel Soares e Visconde de Sabóia.

***

Este livro também é uma exposição da filosofia de Manuel Soares da Silva Bezerra. Podemos afirmar que este livro é o resultado de reflexões que registrei em pequenas notas que tomei enquanto lia atenciosamente as obras raras de Manuel Soares.

O silêncio sobre Manuel Soares no Ceará é algo que me assusta. Como esse povo pode esquecer de um de seus filhos mais ilustres? O fato do filósofo Manuel Soares ser excluído das universidades não significa que devemos rejeitá-lo.

O filósofo Manuel Soares foi um filósofo maior que o próprio Farias Brito e Visconde de Sabóia, uma vez que ele foi o pioneiro na atividade filosófica no Ceará. Por isso eu posso dizer, orgulhosamente, que o filósofo Manuel Soares foi o nosso primeiro filósofo genuinamente cearense. Não estou desmerecendo Farias Brito e Visconde de Sabóia. Mas é que acontece que esses dois tiveram que sair do Ceará para obterem reconhecimento internacional. Mas com Manuel

Soares isso não aconteceu. Ele era já conhecido fora do Brasil mesmo sem precisar sair do Ceará. E isso é muito mais admirável.

É um fato já conhecido de todos sobre a falta de interesse dos cearenses pela filosofia. Eles possuem pouco interesse e confundem ideólogos com filósofos. Os cearenses acham a filosofia uma coisa inútil, pois são positivistas inconscientes. Por isso eu resolvi escrever este livro para resgatar a obra do filósofo cearense Manuel Soares, mostrando assim que a atividade filosófica hoje no Ceará é rejeitada, mas que nem sempre foi assim. E, talvez, quem sabe, eu possa curar os cearenses da praga do positivismo!

A biografia do filósofo Manuel Soares da Silva Bezerra

Eis aqui o nome de um filósofo católico cearense que tem tudo para entrar na lista da filosofia ocidental, e talvez nos clássicos católicos, por que não dizer?

Católicos... quem há de admirá-los? Quem há de admirá-los além de raros indivíduos isolados no tempo e no espaço?

O católico é alguém que ama a sabedoria, que busca a verdade e a salvação das almas pecadoras.

Manuel Soares foi selecionado por mim pelo único fato dele ter sido um filósofo católico e cearense em um lugar pobre, atrasado e triste como o Ceará. Por isso, o filósofo Manuel Soares deve ser visto pelos cearenses como gigante, herói e escritor ilustre que merece todo o nosso respeito como católicos e como amantes da filosofia que existem no Ceará.

***

O excelentíssimo filósofo e destacado católico cearense ultramontano Manuel Soares da Silva Bezerra nasceu na pacata cidadezinha de Jaguaretama, no Ceará em 1810 e faleceu, já muita ancião, em 1888 em Fortaleza.

O nosso primeiro filósofo cearense não viveu tempo suficiente para comemorar a abolição da escravidão no Brasil, mas viveu o suficiente para comemorar a abolição da escravidão apenas no Ceará da qual era um defensor, como veremos mais adiante. A abolição da escravidão no Ceará aconteceu em 1884. Manuel Soares também trabalhou como advogado de alguns escravos, entre eles estão os escravos Estevão e Manoel de D. Maria Machado. Essa informação se encontra no jornal Pedro II (1840-1889) e pode ser considerada como uma prova de que ele era abolicionista, mesmo sendo conservador. Alías, quem fez a abolição da

escravidão no Brasil foram os conservadores, e não os liberais, mesmo que os liberais tenham sido mais militantes nisso.

Seus pais se chamavam Antônio Bezerra de Menezes e Fabiana de Jesus Maria Bezerra. Eram seus irmãos o famoso espírita Bezerra de Menezes e o liberal, depois conservador, e também católico e filósofo, Teófilo Rufino Bezerra de Menezes que era o chefe do partido liberal em Jaguaretama.

Podemos dizer que a família Bezerra de Menezes no século XIX era uma família de intelectuais de grande reconhecimento.

Não consegui quase nenhuma informação sobre a infância de Manuel Soares. Mas eu sei que durante a infância o jovem filósofo Manuel Soares da Silva Bezerra sempre foi um menino muito piedoso e sempre demonstrava vocação para os estudos e para a vida intelectual. E também sei que ele recebeu uma educação religiosa e também portuguesa, já que entre os anos de 1810-1820 (período da infância de Manuel Soares) o Brasil ainda era colônia portuguesa, ou melhor, era um reino unido.

Esse católico ultramontano, ávido de glória e desejoso pelo céu quando adulto foi um magistrado, antes de tudo um professor do Colégio Universal e professor de geometria, geografia e gramática no Liceu do Ceará, ensaísta, teólogo, político cearense, jornalista, filósofo católico e gramático no

Ceará do século XIX, porque não existe filósofo de uma única obra. Sendo assim, Manuel Soares era também um filósofo eclético e sabia muito de tudo. Mas o ecletismo de Manuel Soares não deve ser confundido com o ecletismo herético. Digo eclético no sentido de que ele conhecia as diferentes filosofias e teologias.

Manuel Soares foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e vice-presidente da assembleia provincial do Ceará, assumindo a presidência interinamente de 30 de outubro a 4 de dezembro de 1872. Chegou a ser um destacado presidente da câmara municipal de Fortaleza. É considerado pela academia cearense de letras o patrono da cadeira 26, mesmo que essa academia cearense de letras ainda não lhe tenha dado as devidas homenagens, deixando assim o nosso primeiro filósofo cearense completamente esquecido na história do Ceará.

O filósofo cearense Manuel Soares foi também juiz municipal de Quixeramobim, professor substituto de geometria e efetivo de língua portuguesa no Liceu de Fortaleza, inspetor interino (por três vezes) de instrução pública, procurador fiscal da Tesouraria da Fazenda e inspetor do Tesouro Provincial, cargo em que se aposentou em 1874. Manuel Soares também foi eleito deputado provincial pelo Ceará em 1840-1843 e 1870-1873.

O católico ultramontano Manuel Soares tinha merecidamente a Comenda da Imperial Ordem de Cristo e, por seus grandes serviços à Santa Igreja Católica Apostólica Romana no Ceará, recebeu do Sumo Pontífice Romano Pio IX a Comenda da Ordem de São Gregório Magno. Por essas condecorações raras, Manuel Soares deveria ser considerado um dos maiores nomes do catolicismo brasileiro. Esse sim era um católico exemplar.

As ideias ultramontanas de Manuel Soares são extremamente atuais. A defesa de Manuel Soares do Clero e do Papa foi algo excepcional que serve de exemplo para todos nós católicos cearenses que temos o Papa como um importante chefe espiritual, porque o Sumo Pontífice Romano é um sacerdote eterno na terra.

A filosofia ultramontana acredita que o Papa está "além das montanhas", daí o respeito e submissão a autoridade do Papa como sendo de origem divina.

Em 1836 Manuel Soares se formou em direito pela faculdade de Recife, em Pernambuco. E aqui cabe uma observação. A escola de Recife, como ficou conhecida, tem sido taxada de uma "escola positivista" ou "escola evolucionista". Mas a verdade é que nem todos os estudantes dessa escola eram positivistas ou evolucionistas. Eu poderia citar o nome de vários estudantes dessa escola de Recife que não eram isso. Entre eles, os dois maiores filósofos cearenses:

Farias Brito e Manuel Soares. Esses dois filósofos cearenses eram claramente tradicionalistas e espiritualistas, ou seja, os opostos dos positivistas e evolucionistas. Além disso, o Ceará pode ser considerado o lugar onde mais teve filósofos anti-positivistas no Brasil. Entre eles, temos Farias Brito, Manuel Soares, Visconde de Sabóia, Teófilo Rufino e o católico e excelente filósofo José Faustino da Silva que escreveu um raro livro chamado "O positivismo às claras" onde ele mostra as desvantagens do positivismo comparado com o catolicismo. Esses quatros filósofos cearenses eram claramente católicos e de uma grande erudição que não encontramos mais hoje em dia.

Em 1837 o amor encontrou o coração de Manuel Soares, casou-se com a senhora Maria Teresa de Albuquerque, que era sua prima, e com ela teve extraordinários 18 filhos, entre eles o historiador Antônio Bezerra, o militar Israel Bezerra que esteve na guerra do Paraguai.

Filho de intelectual, intelectual é. O seu filho Antônio Bezerra se tornou um dos maiores historiadores do Ceará. Talvez Antônio Bezerra e Teófilo Rufino tenham sido os maiores discípulos de Manuel Soares. Ele também tinha um filho chamado Afio Bezerra de Menezes.

No livro Esboços e Perfis Andrade Furtado escreveu:

> "O Dr. Soares Bezerra, paradigma de hombridade e sabedoria, incutiu no filho, escritor e abolicionista, o gosto pelo cultivo das letras, das ciências e das artes".

E Israel Bezerra de Menezes, foi o primeiro voluntário cearense da guerra do Paraguai, lutou de 06 de abril de 1865 a 30 de abril de 1870. Israel Bezerra de Menezes também era um grande admirador do seu pai.

Esse filósofo Manuel Soares ultramontano cearense era um grande admirador da nossa gramática, o português, e era também muito sábio e inteligente em questões de filosofia, nos deixando uma vasta obra sobre assuntos filosóficos, teológicos e gramaticais — para a contemplação dos cearenses.

Manuel Soares representou no Ceará o que Juan Donoso Cortês representou para a Espanha: a ação católica no campo intelectual. E talvez Donoso Cortés foi uma das influências de Manuel Soares. Manuel Soares sempre citava ele em seus textos. Porém, Manuel Soares era muito mais erudito que Donoso Cortês, uma vez que o filósofo cearense era professor e um grande gramático — mostrando assim que a sua vida e a sua ação católica era de um grande intelectual.

Colaborou também nos jornais Íris Cearense, Diário Novo, O Imparcial, A América, jornal que ele próprio era proprietário, Pedro II, que era um jornal conservador e monarquista, O Ceará e Tribuna Católica do qual era o redator-chefe. Todos esses jornais eram, mais ou menos, católicos e conservadores. E a Tribuna Católica era um órgão da Diocese de Fortaleza. A Tribuna Católica, representava as ideias ultramontanas na capital cearense, saía todos os domingos santos sob a autorização do Bispo diocesano e se apresentava como um jornal religioso, literário e noticioso. Sua redação era composta pelo Padre Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, Dr. Gonçalo de Almeida Souto, Manuel Soares da Silva Bezerra e José da Cunha Bezerra. Seu primeiro número é de 8 de abril de 1866.

Quando o jornal A América foi fundado por Manuel Soares, o jornal Pedro II comemorou e divulgou o jornal com o seguinte texto publicado no mesmo jornal Pedro II:

> "A AMÉRICA" — Com este título apareceu ontem na vida jornalística um novo periódico, impresso na tipografia — social — cujo proprietário, e redator é o Sr. Dr. Manuel Soares da Silva Bezerra. Eis a epígrafe que adotou o Sr. Soares para o seu jornal — "As sociedades modernas têm conferido a todos o poderem ser jornalistas, e aos jornalistas o

> terrível encargo de ensinar as nações, isto é, o mesmo encargo que Jesus Cristo confiou a seus apóstolos (Marquês de Valdegamas)". Em lugar competente deixamos transcrito o prospecto da folha. Como cearense aplaudimos o Sr. Dr. Soares pela empresa honrosa que toma a si. Deus o fade bem".

Manuel Soares foi um excelente e destacado líder da ação católica de Fortaleza. Podemos dizer que Manuel Soares foi pioneiro da ação católica no Ceará. As suas obras eram apreciadas pelos cearenses católicos do século XIX e estudadas com muita atenção. As principais obras de Manuel Soares são: Compêndio de Gramática Filosófica para ser usado no colégio Liceu de Fortaleza (1861); Os Dogmas Políticos do Cristão (1864); Compêndio de Gramática Portuguesa para o uso do Ateneu Cearense e das escolas primárias (1865); O Inferno, livro onde ele refuta um folheto de um escritor francês chamado Alfredo Maury que negava a existência do inferno. Esse livro foi escrito em Fortaleza, na tipografia Constitucional, mas não tinha o nome do Manuel Soares no livro. (1868); Compêndio de Gramática da Língua Nacional (1877); Questões de Gramática Filosófica (1881); O que é protestantismo (1884). Além dos seus jornais em que eu já citei anteriormente. Manuel Soares também era um escritor anónimo. Ele

escreveu muitos livros e textos sem registrar o seu próprio nome neles, para evitar a vaidade e a fama. Às vezes ele se identifica "suisso do Vaticano" ou ele nem sequer colocava algum nome. Basta ver os textos do jornal cearense "Tribuna Católica" onde ele era o redator-chefe, mas ele não registrava o seu nome no final dos textos.

Provavelmente a maioria dos seus raros livros se perderam completamente, sobrando apenas alguns e poucos jornais. A minha geração foi privada de conhecer as obras completas de Manuel Soares. Espero que os futuros católicos do Ceará e de Fortaleza, não cometam o mesmo erro dos antigos cearenses de deixar a obra do nosso primeiro filósofo cearense empoeirada em alguma biblioteca velha.

Se você ler os livros de Manuel Soares você não será inimigo dos livros, mas sim amigo deles. Há uma idade para se ler todo tipo de livro, e essa idade é a da juventude. E há uma idade onde nada se lê ou se lê muito pouco, essa é a idade da sabedoria que só se atinge depois dos 50 anos porque é depois dessa idade que a vaidade cessa e se atinge a plenitude. Aos livros católicos ainda tenho algum respeito. Quem neles crê vive feliz. Mas quem nunca os lê é triste. De fato ainda existem muitos e bons livros, mas esses são raros. Leia apenas os bons livros, aqueles livros que superaram o tempo, digo isso pois tenho medo que você se corrompa lendo livros ruins. Os livros são sagrados porque eles

trabalham para o saber, por isso não se deve escrever baixarias. Os livros de Manuel Soares lembram uma obra de arte.

Manuel Soares é um excelente escritor católico quase ou totalmente esquecido no Ceará, mas as suas obras são de grande valor para a Igreja católica, e a sua vida é de grande valor para a história do Ceará. É por conta disso que estou escrevendo este livro, pois eu valorizo mais a qualidade da obra do autor Manuel Soares do que a sua fama.

Manuel Soares da Silva Bezerra foi um intelectual católico engajado, jornalista, doutrinador católico e filósofo eminente. Sem dúvidas, Manuel Soares foi um grande filósofo. Manuel Soares foi o maior filósofo cearense do século XIX. Mas ele nunca teve um livro biográfico que eternizasse a sua obra por séculos. Ele despertou nos cearenses o entusiasmo pelo catolicismo, porque a filosofia para ele era um instrumento católico.

Homem formado em pleno império, Manuel Soares integrou-se naquela geração de católicos do século XIX que buscavam restaurar o pensamento metafísico tomista. Trata-se aqui de um erudito cearense. Manuel Soares sempre teve uma elegância moral na linha do seu espírito apostólico. Sempre defendeu a doutrina católica nos seus textos e nos discursos políticos proferidos na praça do Ferreira em Fortaleza. Esse pensador escrevia e falava com uma elegância,

com uma clareza, uma serenidade, uma grande concisão de um grande escritor cearense. E grande ele era, sem dúvidas. Ele foi um dos cearenses mais brilhantes do século XIX.

Muito provavelmente existiam no Ceará numerosos católicos semelhantes ao Manuel Soares, entre eles, o seu próprio irmão Teófilo Rufino de Menezes. Teófilo Rufino talvez tenha sido o maior discípulo de Manuel Soares. Ele também era um filósofo e redigia os jornais O Saquarema, O Nortista e a Tribuna Católica, além de ter escrito livros sobre a História do Ceará e A Finalidade do Mundo de Farias Brito.

A Manuel Soares nada faltava para ser um grande intelectual. Manuel Soares não era um homem da modernidade. Embora tenha nascido na modernidade, ele nunca pertenceu a ela. É impossível classificar Manuel Soares em alguma filosofia moderna. Ele era um autêntico homem católico que despreza a vida moderna. Todo homem verdadeiramente bom deve ser rústico e desprezar a modernidade. A sua alma era de um homem medieval, de um homem tradicional. Ele não se deixava dominar por nenhuma corrente ideológica moderna.

Manuel Soares foi um fenômeno literário no Ceará. Era um milagre no Ceará existir alguém assim. Era um escritor excepcional. Incomum. Providencial. Ele era um meteoro católico que caiu no Ceará durante o século XIX.

O seu nome deveria aparecer entre os grandes católicos. Nos seus textos Manuel Soares era de uma lucidez, de um espírito crítico e de uma grande coragem na defesa da Igreja Católica.

Segundo a historiadora Celeste Cordeiro "O conservador Manuel Soares da Silva Bezerra foi quem melhor percebeu, no Ceará, os dilemas que o momento colocava, e as consequências possíveis, do ponto de vista do poder tradicional" e ainda acrescenta que a Tribuna Católica não se cansava de denunciar o racionalismo. O racionalismo é outra coisa que sempre foi combatida pelo Manuel Soares. O escritor Andrade Furtado escreveu assim: "O preconceito racionalista foi responsável pelos desvios de inúmeros moços, que faziam alarde da liberdade de pensamento e se confessavam adeptos de doutrinas alucinantes, de há muito já ultrapassadas".

É um fato consumado a vocação tradicionalista do filósofo cearense Manuel Soares, as circunstâncias e os acontecimentos do seu tempo o arrastavam para isso. O período dramático e final do reinado de Dom Pedro II, a ruína do mais glorioso império americano, o desassossego geral, o desmoronamento dos valores monárquicos, a questão religiosa entre católicos e maçons, tudo conspirava contra a velha ordem tradicional e propiciava o fortalecimento das ideias republicanas e liberais. Era contra tudo isso que Manuel Soares se levantava.

Manuel Soares buscou resolver os problemas da sociedade cearense do século XIX tendo como remédio o tradicionalismo católico onde a vida civil era confundida com a vida religiosa. Ele considerava a sociedade moderna como decadente; ele queria voltar para uma época menos cinzenta e mais religiosa. Para uma época onde a Igreja Católica governava o mundo.

Foi Manuel Soares quem defendeu o tomismo no Ceará. Ele era tomista e ultramontano. Ele também era um abolicionista conservador. Ele escreveu assim: "sou amigo da liberdade do escravo, porque tendo coração de homem, porque não reconheço o direito de um homem sobre o outro, e porque o evangelho me diz - ama o teu próximo como a ti mesmo".

Mas na verdade Manuel Soares e os conservadores tinham outro tipo de abolicionismo diferente do que foi feito no Brasil. Eles queriam que a escravidão fosse abolida progressivamente e não abruptamente como foi feito. Se tivéssemos feito como os conservadores queriam teríamos ao menos evitado a favelização do Brasil. Os conservadores só fizeram a abolição daquela forma por causa da pressão social que os liberais exerciam. Manuel Soares e os conservadores eram homens equilibrados que defendiam uma abolição da escravidão mais naturalmente e organicamente. Aliás esse deveria ser o grande ideal dos abolicionistas brasileiros se

fossem homens razoáveis e prudentes. O Brasil, sem a capacidade de oferecer escolas e casas para todos os ex-escravos, seria melhor que se libertasse aos poucos e gradualmente, até demonstrarem a capacidade de viverem sozinhos, sem causar danos para a sociedade.

Manuel Soares jamais poderá ser chamado de liberal, mas apenas de conservador. Eramos os liberais que defendiam o fim da escravidão de uma forma abrupta.

Segundo Russell Kirk, um conservador deve se enquadrar em 6 pontos: 1) Crença numa ordem divina para a sociedade; 2) Valorização da vida tradicional; 3) Reconhecimento das hierarquias sociais; 4) Convicção de que liberdade e propriedade estão ligadas; 5) Tradicionalismo; 6) A separação entre revolução e reforma. Manuel Soares era tudo isso.

Em meio a crise em que o Brasil mergulhava, Manuel Soares chamou para si a responsabilidade de refletir sobre a delicada situação do mundo moderno, e traçar caminhos para superar as convulsões políticas e sociais enfrentadas naqueles tempos sombrios. Esse filósofo católico sempre teve uma elegância moral na linha do catolicismo ultramontano e tomista.

No Ceará quem estuda filosofia, vai, em algum momento da vida, estudar Farias Brito, Manuel Soares da Silva Bezerra e Visconde de Sabóia porque esses são os

nossos maiores filósofos cearenses. Esses filósofos cearenses ocuparam o lugar junto com aqueles filósofos europeus reacionários que lutavam contra a modernidade.

A modernidade pode ser considerada um completo fracasso. Essa época não conseguiu deixar nenhum legado positivo para a humanidade. Era contra tudo isso que Manuel Soares se levantava para o combate intelectual.

Os dogmas políticos do cristão (1864)

No livro os dogmas políticos do cristão de 1864 esta resumidamente toda a visão política e religiosa de Manuel Soares da Silva Bezerra. Essa visão política e religiosa vai estar presente em toda a sua ação católica e também na sua ação política no Ceará do século XIX. A vida de Manuel Soares foi toda guia por esse livro.

Nesta excelente obra, Manuel Soares denúncia a nossa herética política brasileira através de profundas reflexões.

Por sua própria natureza, o livro os dogmas políticos do cristão, não pode ser resumido aqui, pois não tive acesso a essa obra prima, e talvez nunca terei. Aqui, vou apenas chamar a atenção para alguns pontos gerais da obra que caracterizam a natureza da filosofia de Manuel Soares. Por

isso resolvi reproduzir aqui alguns trechos que encontrei no livro da Celeste Cordeiro, já que o livro original está perdido.

Dito isso, Manuel Soares começa a sua reflexão combatendo a mentalidade revolucionária:

> "Os mais ilustrados, a quem seguem os ignorantes, tem por princípio que tudo é lícito na política, com a política, pela política e sob a política, sem excetuar mesmo o que se opõe a religião, a moral e a lei. Daí tem nascido essa frequência e generalidade de escândalos que os partidos justificam, tornando-se solidários com os que praticam. Essa solidariedade tem destruído toda repressão moral dos remorsos da vergonha pública, persuadindo que os crimes são virtudes. Suprimindo-se a repressão moral, suprime-se igualmente a repressão legal, pela consequência de que a autoridade, que a exerce, é tal qual aquele a quem reprime, e que por isso seus atos são tirania e não justiça".

Nesse outro texto, Manuel Soares denúncia o renascimento do paganismo durante o chamado "renascimento". O termo "renascimento" vem de uma obra

do Jacob Buckhart nomeada "A cultura do renascimento na Itália" (1860). Segundo esse autor, o renascimento surge como fenômeno tipicamente italiano quanto às suas origens, que se caracteriza pelo individualismo, pela exaltação da vida mundana e do pecado, do sensualismo, pelo desprezo da religião tradicional ou cristã, por uma tendência pagã e pré-cristã, pela revolta contra a autoridade e pelo naturalismo. Assim, sobre o renascimento Manuel Soares escreveu:

> "Dando por morto o império da fé e proclamando a independência da razão e da verdade do homem, a sociedade tem se tornado absoluta, universal e necessário o mal. Este período de rápida retrogradação começou na Europa com restauração do paganismo literário, que tem trazido sucessivamente as restaurações do paganismo filósofo, do paganismo religioso e do paganismo político".

O filósofo Manuel Soares acreditava que a modernidade era anti-cristã, pois ela coloca o mal como sendo uma coisa necessária para a sobrevivência humana. Os homens e mulheres modernos nos ensinam que devemos ser malignos com o próximo, caso queiramos ter uma vida

melhor e agradável aqui na terra. Era contra esse tipo de mentalidade que Manuel Soares se levantava para lutar contra.

> "Admiradores dos gregos e romanos, não fazem distinção entre a liberdade do paganismo e a liberdade do cristianismo. Estes entusiastas entendem, por isso, que a liberdade pode existir sem a ordem ou fora da ordem, e seu princípio é "tudo que é governado não é nem pode ser livre".

Como monarquista católico, Manuel Soares era um conservador e defendia a constituição brasileira de 1824 como sendo uma constituição de inspiração divina, uma vez que ela defendia o Estado confessional católico sobre o qual toda a sociedade brasileira deveria ser submissa.

> "Tendo Deus criado o homem para a sociedade, deveria necessariamente ter-lhe dado leis para que ela se regulasse, e sem o que não poderia haver ordem. O decálogo, pois, é legítima carta constitucional de toda a sociedade".

Manuel Soares também era um grande defensor da monarquia de Dom Pedro II e do império católico brasileiro:

> "Sendo a sociedade uma família geral, composta de muitas famílias particulares, e estas de homens essencialmente iguais em natureza e livres em vontade, tem ela absoluta necessidade de um chefe que governe a todos; porque sem ele a sociedade não poderia subsistir; pois os homens, entregues a si mesmos, não poderiam conservar entre si união, ordem, paz e justiça em razão de sua liberdade e paixões".

> "O poder deve ser perpétuo porque deve continuar sempre a mesma pessoa sem mudar, para evitar as perturbações da ordem. Está perpetuamente só pode ser inalteravelmente mantida nos governos monárquicos pela hereditariedade, o que mostra sua excelência e preferência sobre as demais formas de governo".

> "O parlamentarismo nega a monarquia, ele nega na sua unidade, que quebra em três pela divisão dos poderes; nega-a na sua limitação, colocando o

poder em uma trindade política. É pois evidente que o parlamentarismo nega a monarquia cristã em todas as condições da sua unidade: acrescento que a nega igualmente em todas as condições de sua variedade pela supressão das hierarquias sociais".

"Logo que o parlamentarismo prevalece, todas as corporações e todas as hierarquias desaparecem".

"O parlamentarismo não é outra coisa que o espírito revolucionário, considerado na primeira de suas evoluções. É isto que explica porque ele marcha desde então diretamente contra o poder, e porque, para estar seguro de o matar, começa por dividi-lo".

"As antigas assembléias não eram outra coisa que uma força social: o que quer dizer que, consideradas em suas relações com o poder público, residente exclusivamente no rei, eram uma resistência orgânica e um limite natural à sua expansão indefinida. As assembléias atuais não são sempre uma força, nem um limite, mas sempre um poder no Estado; e o que é pior, um poder em luta e em rivalidade perpétua com os outros poderes".

"O homem aí sente instintivamente que está só, e que, para não sucumbir, são-lhe necessários prodígios: para levar ao fim sua empresa, é necessário que ele seja ao mesmo tempo Deus e homem; Deus, para mudar as coisas e suas leis; homem, para aplicar novas leis as novas coisas. É uma lei do mundo moral, que a divisão gera a discórdia e a discórdia prepara a guerra. O parlamentarismo destruirá o mundo moral, suas condições e suas leis".

"Quando o monarca é o poder, e quando indivíduos de todas as classes entram no parlamento, a monarquia parlamentar é o caos; a força parlamentar e a força real se neutralizam, e em vez de haver dois poderes na sociedade, não há nenhum".

"Os partidos só cuidam um de conquistar o poder, outro de segurá-lo: não há tempo para cuidar do bem do país. A oposição com uma rapidez espantosa; de sorte que quando eles vão chegando ao conhecimento das coisas, são logo substituídos".

"Os mais elevados como as mais pequenas autoridades se nomeiam e se demitem para as eleições, que tem penetrado tudo, e tudo avassalam,

> como se fossem a suprema necessidade de nossa existência. O exército e a marinha não têm escapado a influência desta verdadeira enfermidade, que se faz sentir mais poderosamente naquela parte da força pública do que nesta; porque ela se acha em um contato muito imediato com os elementos deletérios que ela exala. E esta causa de dissolução acumulada a muitas, que já atuam no mesmo sentido, é irresistível e mortífera".

Assim, Manuel Soares diz que a paz e a justiça não podem existir sem uma autoridade de coesão, e essa autoridade de coesão era Dom Pedro II:

> "A paz e a justiça não podem existir sem um governo, que tenha a autoridade de mando e coesão".

E Manuel Soares cita Roberto Belarmino nestes termos:

> "Este poder é de direito natural; pois não depende do consentimento dos homens; portanto, queiram ou não queiram, devem ter um governo, se

não pretendem que o gênero humano pereça, o que é contra a inclinação da natureza".

E ele justifica o poder civil e monárquico nestes termos:

> "A existência do poder civil se acha conforme a vontade de Deus, pelo mesmo título que a existência do poder paternal — Deus ama o poder, diz Luís Veuillot".

Manuel Soares explica que foi o protestantismo o principal fator de subversão no Brasil:

> "O protestantismo depois que se viu livre da autoridade do Papa, procurou livrar-se do poder dos príncipes, pervertendo os povos, e os perverteu, persuadindo-lhes que o poder dos príncipes não vinha senão do número e força dos povos; que a sociedade é um Estado fora da natureza, nascido de um contrato; que as leis é que criam direitos".

E qual era a visão católica de Manuel Soares dos imperadores da terra? Eis a resposta:

> "O poder dos imperantes vem de Deus, que o confere a sociedade perfeita, e está aos príncipes, que governam por Deus".

Para ele, nem soberania popular, nem soberania dos monarcas, era esse o lema de Manuel Soares:

> "Por seu despotismo, fizeram os príncipes odioso e execrável o seu poder sem a mediação social; os povos, odiando e execrado este direito divino novo dia reis, estenderam o seu ódio e execração ao direito divino antigo pelo seu ateísmo, e se ensoberbecer com a sua soberania".

Para Manuel Soares, a corrupção moral do nosso país é causada pelo ateísmo:

> "A corrupção nasce do ateísmo onde se nega a ideia de Deus, nega-se logicamente a ideia de moral".

> "Quando o homem crê que nada existe fora da natureza, sua cegueira o arrastará por uma inclinação inevitável a considerar sua vontade e sua razão como superiores a tudo, como devendo decidir de tudo. Em tudo o que os homens tiverem pensado, não verá

senão pensamentos humanos; tudo o que achar estabelecido no Estado, na sociedade civil e nas associações religiosas, não lhe parecerá senão obras dos homens, e não terá autoridade a seus olhos".

"Passa por uma alta e sublime concepção dos políticos ateus que julgaram ter achado a pedra filosofal, o remédio soberano, ou antídoto do despotismo das monarquias absolutas, anteriores a este absurdo sistema parlamentar ao mesmo tempo despótico, anárquico e imoral. Por inimigos do absolutismo, a quem só atribuem o despotismo, chama-se liberais; e eis o que deles e de sua divisão diz o sábio Marquês de Valdegamas no seu ensaio sobre o catolicismo: "A escola liberal tem por ofício proclamar as existências que anula, e anular as existências que proclama. Nenhum de seus princípios deixa de levar o seu contra-princípio, que o destrói. Só para uma força não tem a escola liberal buscado o seu correspondente equilíbrio — força corruptora. A corrupção é o Deus da escola, e, como Deus, está presente em toda parte".

Finalmente, Manuel Soares, indica dois grandes males que surgiram do protestantismo:

> "Do poder divino sem mediação social nascem, pelo despotismo dos reis, o olhar o povo ao poder como inimigo; Da soberania do povo nasceu o desprezo do poder, das leis e da moral; a anarquia do convencionalismo; Com este escândalo político e social, com este ato de emancipação intelectual e moral dos povos, coincide a instituição da monarquia absoluta".

Para Manuel Soares, o poder é de direito divino:

> "Deus confere o sumo poder à sociedade e não ao príncipe, para que o príncipe reconheça nisto que o poder é um dom que Deus faz a ela e não a ele. O príncipe recebe o poder como um tutor recebe a administração da pessoa e bens de seu tutelado, já que a sociedade não pode exercê-lo por si mesma".

O filósofo cearense Manuel Soares nega todo despotismo:

> "Todo cidadão que exerce uma função do poder público tem direito a ser obedecido e respeitado".

> "Não há senão duas sortes de repressões possíveis contra o homem, uma interior e outra exterior; uma religiosa, outra política. Quando o termômetro religioso sobe, o termômetro político baixa; e quando o termômetro religioso baixa, o termômetro político, a repressão política, a tirania, sobe. É uma lei da humanidade".

Na filosofia católica de Manuel Soares, o princípio de respeito a autoridade é justificada da seguinte maneira:

> "Assim como Deus estabeleceu as grandes leis da ordem geral do universo sem o concurso da vontade humana, assim ordenou, por um ato de seu soberano poder, que por toda parte em que vivessem homens reunidos sob um regime normal e regular, houvesse no meio deles uma autoridade suprema, submissa a divina providência, que vela na marcha da história através dos séculos. Não resta aos homens outra alternativa que está: ou reconhecer a autoridade, ou destruí-la na perspectiva de repudiar assim a toda civilização, como a todo o progresso da humanidade; e de cair nos horrores da barbárie".

E nos ensina o filósofo cearense Manuel Soares que o poder não pode ser considerado como uma coisa puramente humana, porque isso é uma heresia:

> "Tomar o poder como um direito puramente humano, nascido da força numérica dos associados, como querem os seus partidistas ateus, é um erro gravíssimo, uma heresia".

O contrato social de Rousseau também é criticado por Manuel Soares:

> "O direito do cidadão de insurgir-se contra o poder público, de julgá-lo, de atentar contra os seus dias e, enfim, como estes estranhos amigos e glorificadores do homem nos repetem em todos os tons, que a insurreição seja o mais santos dos deveres. É por isso que a Igreja tem justamente condenado, como herética, a doutrina que reconhece nos cidadãos particulares o direito de um ato qualquer contra a autoridade pública".

> "Gerado um certo antagonismo entre a liberdade e a autoridade, como se fossem naturalmente incompatíveis, e não fossem a sua

união e harmonia condição necessária e recíproca da sua existência e da felicidade dos povos".

> "E eis aí uma assembleia que, em uma época vertiginosa, declara solenemente que a sociedade deve garantir este direito ao homem, e com maioria de razão a um pugilo de homens, mesmo composto da ralé do povo! Deixa ao capricho individual a faculdade de se lançar nas conspirações, e correr às armas: eis aí o que fizeram os legisladores de 1789!"

E Manuel Soares ensina que a soberania popular ou do povo é a pior das tiranias que pode existir:

> "É sob o pretexto de arrancar a sociedade à tirania de um só, entregá-la à pior de todas as tiranias, a tirania de todos".

Para o filósofo Manuel Soares, a política liberal é corrupta por natureza:

> "Os reis corrompem os ministros, prometendo-lhes a eternidade; os ministros aos reis, prometendo-lhes a expansão de sua prerrogativa. Os ministros corrompem os representantes do povo,

pondo a seus pés as dignidades do Estado; as assembléias aos ministros com seus votos. Os eleitos traficam com seu poder; os eleitores com a sua influência: todos corrompem as multidões com as suas promessas, e as multidões a todos com seus bramidos e ameaças".

"Onde há pluralidade de seres livres, não há ordem e, por conseguinte, não há liberdade, se um deles não governa e os demais não são governados. Com efeito, uma família sem chefe, um Estado sem príncipe, não são sociedades, mas agregações de indivíduos entregues à desordem".

"Daí a urgente necessidade de arcar corpo a corpo com este liberalismo enganador, de desmascarar os falsos ares de liberdade, de vontade popular, etc. De que se ensoberbece, e com a ajuda dos quais prossegue a sua obra de sedução. É com estas enganosas aparências que ele fascina e embriaga os povos. Todo aquele que marcha com ele é celebrado como um herói e um amigo do povo. Mas tudo isso não é senão ilusão e falsidade".

"O falso liberalismo não conhece senão a igualdade, e a igualdade chama liberdade. Ora, eis aí um insigne engano. A liberdade e a igualdade diferem essencialmente".

"O liberalismo não faz na realidade senão servir-se das mais ruins paixões do povo, para espezinhar o mesmo povo".

"O mal vem sempre da corrupção, acha-se mais facilmente em muitos do que em um só. E é a eleição o princípio natural e essencialmente corruptor, porque os eleitores são escolhidos por sua submissão a um chefe e os eleitos são indicados pelos partidos tendo em cálculo sua influência local. Além disso, é sempre com base nas calúnias contra os opositores que se chega a ser grande órgão de opinião pública, e se conquistam aplausos públicos e influência política. Muitos começam pobres e acabam milionários".

"Começando pela qualificação, que escândalos se não praticam nela para excluir os adversários? Incluem-se proletários, e excluem-se abastados, para fazer maioria de uma parte e minoria

de outra. Logo aí se falaria a eleição contra a liberdade. No ato dela, pondo de lado a compra e a venda de votos, as listas prenhes e a falsificação da urna, ou um partido exclui o outro a ponta de baioneta, a pretexto de garantir a ordem, e então o triunfo é da força e não da liberdade; ou eles chegam a um acordo, e lavra-se uma ata que é o triunfo do crime de falsificação".

"Já que o sistema constitucional representativo é um sistema essencialmente revolucionário - e não pode deixar de sê-lo pela divisão e luta dos partidos - revela, ao menos, que eles se convençam da necessidade de fazê-lo o menos revolucionário possível; e por isso acordem entre si em não fazer o partido dominante senão aquelas mudanças que são indispensáveis".

"Subvertendo a condição de súbitos dos eleitores, dos que devem obediência ao soberano, a elite do poder, a democracia é o caminho aberto para a anarquia, para a demagogia".

"Crise de identidade, desarvorada ante o desaparecimento dos referenciais

existenciais-culturais. A liberdade, assim tomada sem as lições do passado, não passa de escravidão. É fruto do voluntarismo, das opiniões falseadas pelos preconceitos, pelas visões unilaterais, pelos interesses de facções, instituindo o círculo vicioso do egoísmo".

Para o filósofo Manuel Soares, o Estado moderno atrapalhou a ação católica. Assim, Manuel Soares escreveu:

> "O sentimento que o cristianismo introduziu foi o temor de Deus, poder capaz de fazer a polícia da alma, de dominar a vontade não mais no ato do crime, mas na intenção mesma, e de para-lá por está primeira repressão, que se chama arrependimento. Assim, a penitência cristã, onde não se via a primeira vista senão uma escola de obediência, tornava-se a aprendizagem da liberdade".

> "Eis como a Igreja, sem chefes de polícia, delegados, subdelegados, inspetores de quarteirão e soldados; sem prisões, carcereiros, escrivães, oficiais de justiça, processos, galés, cadafalsos, e com um código de penas mais brandas que as todos códigos criminais das nações cristãs, conseguiu a repressão

do bárbaro, que o Estado, com tudo isso, não pode conseguir do homem civilizado. Isto nos leva a crer que, se o Estado tivesse deixado a Igreja continuar a sua obra, de certo não nos acharemos no ponto em que nos achamos, mais atrasados e menos civilizados ou moralizados que nos tempos feudais".

"Hoje a corrupção é causada por se ter enfraquecido a influência e a ação da Igreja, por se ter tornado mais forte a influência e a ação do Estado".

"Este resto de costumes e de civilização que ainda não puderam tirar-nos com a literatura clássica e a filosofia cartesiana. As ideias pagãs insinuando-se pouco a pouco no espírito dos homens da alta classe, que regulam os outros, e de que dependem os negócios, e passam aos livros da moda, dispõem todas as coisas a uma revolução geral".

"Fora do catolicismo não existem senão dois processos. Um chama-se obediência passiva, o outro resistência ativa; um é o sistema do fatalismo muçulmano infiel, o outro do racionalismo heretico.

Mas estes dois processos são piores que o mal que pretendem atenuar".

"Há o sistema cristão, católico, que condena as revoltas e as sedições; ensina a resistência passiva e a obediência ativa. Prescrevendo uma resistência passiva ao poder opressor da consciência e da fé, o ensino católico aconselha todavia a obediência ativa".

"A lei, nestes nossos tempos em que o cristianismo tem perdido grande parte de seu império, e nos achamos na véspera de uma apostasia geral, não é a ordenação da razão para o bem comum, mas sim como a definiram os constituintes de 89 na sua declaração dos direitos do homem: a expressão da vontade geral".

Sobre o livro Os dogmas políticos do cristão, escreveu assim João Alfredo Montenegro no "História e Literatura: Fortaleza da segunda metade do século XIX, a afilhada, de Oliveira Paiva":

"Entre estes últimos, aflora o nome de Manuel Soares da Silva Bezerra, cearense formado em 1836

pela Faculdade de Direito de Olinda. Produziu monografias interessantes, sobressaindo Os dogmas políticos do cristão (Ceará: Tipografia Social, 1864); O inferno ou a refutação do folheto de Alfredo Maury (Fortaleza: Tipografia Constitucional, 1868); O que é protestantismo (Ceará: Tipografia do Libertador, 1884). Desses títulos o mais importante é os dogmas políticos do cristão. Íntegra é uma concepção da organização política permeada por uma antropologia vinculada ao sobrenaturalismo. É um enfoque político constantemente referenciado pela presença do transcendentalismo teológico, e encaminhado, como não poderia deixar de ser, para a objetivação de uma nova cristandade. Nessas condições, a moral é recrutada para apoiar na prática a realização desta grande meta. As virtudes armam a ação política elevada e eficaz, elevando os homens, a sociedade e o Estado. Por aí se observa o alto teor de racionalismo que percorre tal elaboração. O idealismo preenche a enunciação do autor. Os gravíssimos erros que deslustram a prática política, responsáveis por tantos males, procedem da quebra da nossa moralidade, outrora consistente e intacta moralidade. Fraqueou-se, em toda linha, permissividade na política. Tudo aí é lícito "sem

> excetuar mesmo o que se opõe à religião, à moral e à lei". Os escândalos são encampados pelos partidos, numa solidariedade com os agentes do mal, que aniquila "a repressão moral do remorso e de vergonha pública", atraindo até para eles o aplauso geral. Em consequência, retira-se o fundamento da repressão geral: a repressão moral. A autoridade, nesse caso, resvala facilmente para a tirania, esquecendo a justiça".

O Compêndio de Gramática Filosófica de 1861

Manuel Soares era, antes de tudo, um filósofo da gramática portuguesa. A sua obra Compêndio de Gramática Filosófica de 1861 é talvez o seu livro mais importante e por isso mesmo ele será analisado agora por mim.

Esse livro merecia uma nova publicação. Apesar desse livro ser uma obra sublime da gramática portuguesa e um clássico da literatura cearense, o próprio autor confessa que é uma obra inacabada e imperfeita:

> "Publicando este Compêndio de Gramática Filosófica, tão estranho e excêntrico de quantos há

> ali sobre esta matéria, como se vê, estou tão longe de presumir ser um trabalho bem acabado, que pelo contrário o jugo tão imperfeito, que quase tenho por certo o descrédito, em vez de aplauso, assim por seus defeitos, como por suas novidades".

Parecia que Manuel Soares já previa que a sua obra seria esquecida pelo leitor cearense por causa da decadência do pensamento moderno.

Cumpre ainda para Manuel Soares fazer um estudo sério da língua portuguesa, porque apesar da língua portuguesa não ser um idioma genuinamente brasileiro, é a língua portuguesa que utilizamos como instrumento de comunicação para expressar os nossos pensamentos, e se esse instrumento não for bem conhecido em todo o seu complicado mecanismo, nunca chegaremos a fazer dele conveniente uso.

O conhecimento da língua portuguesa é indispensável para qualquer filósofo brasileiro.

Os livros de Manuel Soares não são propriamente originais, mas sim livros didáticos. Percebe-se isso nitidamente no seu livro Compêndio de Gramática Filosófica onde Manuel Soares mostra todo o seu talento de professor da língua portuguesa.

O gramático e filósofo cearense Manuel Soares vai criticar a língua portuguesa da época do império do Brasil por seu uma língua imitativa da antiga e sagrada língua latina:

> "A imitação servil da língua latina a tem escravizado de tal sorte, que lhe não tem deixado mostrar sua índole e gênio natural próprio".

E vai ainda decretar que a língua portuguesa não é a mesma coisa que a língua latina:

> "Quer-se por força que por ser a língua portuguesa oriunda da latina tenha o mesmo gênio e natureza, e seja sujeita às mesmas leis de classificação, de conjugação e de construção e regência, esquecendo-se que a latina, filha de uma filosofia bárbara e caduca, não pode acompanhar a filosofia moderna em seus progressos, e modificar-se por eles por ser uma língua morta, para ter direito de submeter as suas leis uma língua viva, que no correr dos séculos se tem vindo transformando e aperfeiçoando por estes mesmos progressos".

O gramático filósofo cearense Manuel Soares reconhece as diferenças entre as diferentes línguas e reconhece que a nossa língua portuguesa, é superior a língua bárbara e caduca, o latim, que não progride, que parou no tempo.

Em questão de língua portuguesa, Manuel Soares era um excelente observador. Portanto, o nosso gramático filósofo cearense vai nos ensinar que a língua portuguesa é uma língua nova e independente do latim. O português é uma língua nobre e viva, nova, criada por um poeta católico, Camões.

E o objetivo de Manuel Soares com a publicação do seu livro Compêndio de Gramática Filosófica foi esse:

> "Pelo que escrevi, se deixa ao menos entrever, creio eu, que procurei libertar a nossa língua dessa servidão que nos legaram os antigos clássicos, os quais, como disse o grande frei Francisco Luís no seu glossário, por falta de estudo filosófico da língua, caíram em muitos defeitos no respeita a organização da frase e discurso, que hoje seriam erros graves, e talvez indesculpáveis".

Frei Francisco de São Luís é mais uma grande influência na filosofia de Manuel Soares junto com o Padre

maranhense, o Antônio da Costa Duarte que escreveu um livro muito semelhante ao de Manuel Soares que chamava "Compêndio da Gramática Portuguesa, para uso das Escolas de Primeiras Letras, ordenado segundo a doutrina dos melhores gramáticos e oferecido ao Ilmo. e Exmo. Sr. Cândido José de Araújo Viana, Presidente da Província do Maranhão, Deputado nas Cortes Legislativas, Cavaleiro da Ordem de Cristo, e Desembargador da Relação de Pernambuco".

O intelectual cearense nascido em Maranguape José Sombra foi um dos principais críticos da obra Compêndio de Gramática Filosófica. Manuel Soares o respondeu na Tribuna Católica com o título "Resposta à crítica de um Snr. Estudante à minha Gramática". E como resposta aos seus críticos, Manuel Soares escreveu:

> "Não me perdoarão os críticos, estou certo; mas a quem perdoaram eles? Não espero ser a exceção: nem é possível. Porque Deus deu ao homem a variedade no pensar para convencer a cada um a falibilidade da razão individual, e sujeitá-lo a razão social ou universal. Mas distingo os que criticam com bom senso e civilidade por amor somente da ciência, dos que criticam, de tudo por divertir a sua malignidade habitual dos que tudo

criticam, porque se presume os únicos capazes de fazer coisa irrepreensíveis; e dos que criticam de tudo, porque não podem por sua inveja sofrer que outrem faça o que eles não podem fazer. A estes só está a resposta: censura os erros; mas ensinai a emenda; porque caso contrário não sabeis o que dizeis".

Veja agora um excelente texto publicado por Manuel Soares no jornal A América no dia 22 de maio de 1861:

"Uma questão gramatical: como é o plural dos nomes próprios.

Nesta cidade, onde há tantos periódicos e um Liceu, em que se ensinam humanidades a nossa mocidade, não são por certo ociosas e infrutíferas questões dessa ordem em matéria, que, pelo desprezo dos filósofos, não têm acompanhado as artes e ciências nos seus progressos e desenvolvimento. Impeliu-nos a esta discussão o termo lido em um dos periódicos mais ilustrados desta cidade nomes próprios no singular com artigo no plural, como usa a língua francesa, deste modo: os Cesar, os Alexandre, os Catão, etc. Qual será a

razão disto? Será que a ilustre redação entende não poder o nome próprio ter plural por exprimir uma ideia individual? Esta razão seria também a mesma para não se lhe juntar o artigo, cujo ofício é mostrar a generalidade, ou a ideia geral oposta à individual. O nome próprio, como a força da expressão o está indicando, só o é com efeito, enquanto exprime ou significa um indivíduo único; desde pois que ele exprime ou significa mais de um, perde a sua natureza, e torna-se comum. Por esta razão, quase todos os nomes próprios, como: Antônio, Manoel, Francisco, José, etc. São comuns hoje porque exprimem e significam muitos indivíduos, como Juiz, Escrivão, Presidente, Deputado, etc. Só consideramos próprios verdadeiramente os nomes como: Baturité, Jaguaribe, Quixeramobim, etc; por que significam um indivíduo somente. Acostumados a chamar próprios todos estes nomes que se dão homens, às mulheres, às terras, aos rios, as serras, etc, estranhamos por certo esta nova doutrina; mas é por que este costume nos faz julgar que tais nomes são próprios por sua natureza essência, e não pelos indivíduos que significam e distinguem de outros quaisquer. Ensina-se geralmente que Antônio, Manoel, Francisco, Ana,

Rosa, Maria, etc, saiu nomes próprios pior que são nomes de homens com mulheres: mas deve-se notar que os indivíduos homem e mulher são numericamente o mesmo que outro qualquer, como boi, cavalo, cão, etc; e que por isso, se os nomes mesmos homem, e mulher, boi, cavalo são comuns, porque exprimem e significam muitos indivíduos pela mesma razão o devem ser, Antônio, Manoel, Francisco, Ana, Maria, Rosa, por haverem muitas pessoas destes nomes, sem embargos de exprimirem os chamados próprios menor número de indivíduos, que os chamados comuns; porque que também entre estes, uns exprimem maior, outros menor número, como: homem e mulher, que exprimem mais indivíduos do que pai e filho; e pai e filho mais, do que juiz e escrivão, etc. Podem considerar-se próprios estes nomes na família, mas não na sociedade; porque na família Antônio, por exemplo, é próprio de um filho, ou de escravo, não havendo outro deste nome; mas na sociedade não o pode ser por haverem muitos do mesmo nome. Na família mesmo é preciso notar que, se Antônio é próprio de um indivíduo, banca, carreira, cômoda, etc. Também o é pela mesma razão. Na sociedade, porém, para se distinguirem os indivíduos do

mesmo nome, é preciso acrescentar-lhe o que os gramáticos chamam complemento restritivo. Assim diz-se: Antônio de Castro, Manoel da Costa, Joaquim Mendes, João Severiano, da mesma forma que dizemos: filho de Francisco, código do processo, amor divino, causa principal; donde se vê que de Castro, da Costa, Mendes, Severiano, são tanto complementos restritivos, como: de Francisco, do processo, divino, principal; porque, estes restringe a generalidade dos nomes filho, código, amor causa; também aqueles restringe a dos nomes Antônio, Manoel, Joaquim e João; visto que todos exprimem mais de um indivíduo. Nome próprio, pois, não é somente Antônio de Castro. Manoel da Costa, Joaquim Mendes, porque podem ainda haver muitos indivíduos deste nome; mas sim Antônio de Castro Silva, Manoel da Costa Gadelha, Joaquim Mendes da Cruz Guimarães; e mesmo entre estes podem alguns ser comuns de pai e filhos, como Joaquim Mendes da Cruz Guimarães. É pois um nome composto de três ou quatro palavras, que constituem o próprio nome; mas também podem se considerar próprios do mesmo indivíduo outros nomes comuns de certo empregos, que eles exercem. Assim; tão próprio é o nome de Carlos Augusto

> Peixoto de Alencar, como o de Vigário desta Capital; o de João Severiano Ribeiro, como o de Inspetor da Tesouraria de Fazenda Nacional; o de Gustavo Gurgulino de Souza, como de Administrador do Correio; só com a diferença, de que um é próprio sempre, e o outro enquanto tiverem estes empregos. Isto posto, é claro que em nossa língua o plural dos nomes próprios deve ser o mesmo dos nomes comuns".

No Compêndio de Gramática Filosófica, Manuel Soares ensina que foi Deus quem ensinou aos seres humanos a linguagem, ou seja, ensinou a arte de falar:

> "Da necessidade da fé natural para vida social e moral, se chega à consequência necessária de que, dando Deus ao Homem, além da faculdade de pensar, a de falar, não lhe poderia fazer conhecer as coisas espirituais e morais sem lhe ensinar primeiramente as bases essenciais da linguagem, pela qual o comunicasse ensinando-lhe a comunicar com os outros, e instruindo-o de suas perfeições, de sua soberania, de sua lei, e dos deveres e destinos dele".

No jornal A Constituição (CE) - 1863 a 1889 existe uma pequena citação ao livro Compêndio de Gramática Filosófica de Manuel Soares:

> "Vide o excelente compêndio de gramática portuguesa do Dr. Manuel Soares da Silva Bezerra — autor também do não menos precioso opúsculo — Dogmas políticos do Cristão — desse cearense distinto, que (para o dizer de passagem) foi posto à margem pelo governo do país condenado ao tormento de ver medrar e fazer fortuna por aí tanta mediocridade e improbidade presumida ocupando os lugares que deviam ser reservados aos talentos e virtudes".

Questão de Gramática Filosófica

Questão de gramática filosófica é um texto publicado por Manuel Soares no jornal O Cearense em resposta a um crítico seu chamado Castro Lopes acerca da origem, natureza e função do SE com os verbos transitivos e intransitivos, e com o verbo SER. Eu quero compartilhar esse texto por ser um texto tomista.

"A opinião do ilustrado Sr. Dr. Castro Lopes sobre o nosso "se", nos casos da epígrafe supra, revela o seu talento e estudo na filosofia da linguagem, mas baseia-se numa hipótese engenhosa, que nos parece mais especiosa que sólida, pelas razões, que passamos a expender, sem a competência dele. Ele distingue três espécies de "se": o "se" pronome reflexivo; o se contraído do verbo "ser" ou "esse"; e o "se" derivado do substantivo "ser", que é o mesmo verbo substantivado; porque os infinitivos dos verbos, segundo a lógica de Aristóteles por S. Tomás, tem força de nome, habent vim nominis. Vem-se estas três espécies de "se" nas três conclusões finais, em que assim se resume:

1 — Com os verbos ativos transitivos, se (não sendo pronome reflexivo) é uma partícula, o sinal de apassivamento dos verbos, derivado do verbo "ser" português, ou do latino "esse".

2 — Nas locuções em que entram verbos ativos transitivos e a particulo "se", substantivo será o sujeito do verbo, que por isso concorda com este número e pessoa, devendo dizer-se sempre: vendem-se casas, e não: vende-se casas; que é erro palmar e nunca cometido pelos clássicos da língua.

3 — Com os verbos ativos intransitivos e com o verbo "ser", a partícula se não os apassiva, é o radical do substantivo "ser" representado o sujeito dos verbos intransitivos e do verbo "ser".

Verbo ativo, transitivo ou intransitivo, segundo o Sr. Dr. Castro, nos soa mal. Na lógica vulgar, como lhe chama S. Tomás, diz-se ativo em relação a passivo o verbo de duas formas: uma da ação do agente sobre o paciente; outra de paixão do paciente pelo agente. A contrariedade ou oposição destas formas, fez chamar neutro todo verbo não tem algumas delas; porque neutro se chama o que não segue algum dos contrários. Estas denominações de neutro e ativo se acham desde a antiguidade nos dicionários de todas as línguas; e estas generalidade e perpetuidade lhes dão o caráter de verdadeiras; porque o quod semper e quod ubique é o critério da verdade. Entre os neutro há uns, que parecem ativo como ir, vir, entrar, sair, etc; outros, que por sua natureza parecem passivos na sua forma própria, como nascer, penar, morrer; e outros, que não parecem nem ativos, nem passivos, como estar, existir, permanecer, etc. Estas três espécies de verbo nada têm de comum entre si, porque possam juntar-se no gênero de ativo, como quer o Sr. Dr.

Castro. Na lógica científica, diz o Santo Dr. que o próprio do verbo é significar alguma coisa por modo de ação e de paixão, e que a ação imanente ou transiente: Duplex est actio. Una quoe vocatur actio immanens, ut calere. Alia, quoe dicitur transiens, ut calefacere. A ação imanente à expressa assim pelo verbo neutro, como pelo verbo ativo; porque aí mesmo diz: Quia calere est habere calorem, esse in actu caloris. Simililer intelligere et sentire sunt actiones immanentes, quia dicunt actun inteligendi es sentiendi. Vê-se daí que calere, neutro, e intelligere e sentire, ativos, são de ação imanente, ao passo transiente. Só, pois, os verbos ativos de ação imanente podem ser ativos intransitivos e não os neutros viver e morrer, citado por ativos pelo Sr. Dr. Castro, nem outros tais. Há também de forma ativa que parecem passivos, como sofrer, tolerar, padecer, etc. Distingue-se o verbo ativo de ação imanente do verbo ativo da ação transiente por estas palavras do Santo Dr... et ideo intelligere nostrum est secundum motum a rebus ad animam; velle autem secundum motum ab anima ad res. A ação imanente é uma processão ad intra; a transiente, uma processão ad extra. E melhor se vê destas palavras do S. Dr... ad omnem actionem egredientem ad extra, sequitur

passio. Só são, parece-nos, própriamente ativos os verbos de ação transiente; pois falando o S. Dr. da ação do cravo que se entranha na trave, depois de ter dito que ação, paixão e movimento são uma e a mesma coisa, diz: tamen clavus ad motum SE HABERET ACTIVE RESPECTUTRABIS. Este active só qualifica a ação, que produz uma paixão. A teoria, pois, do Sr. Dr. Castro, que tem por ativos todos os verbos, exceto "ser", nos parece, à vista do exposto, ser contra a ciência e a prática: e eis ai porque soa mal. Passemos ao que diz do "se". A última conclusão se acha exemplificada no corpo do artigo por parágrafo: "Então nas proposições formadas pelos verbos ativos intransitivos e pelo verbo ser, a partícula se é o radical do substantivo, ser, e assim serão regidas lógica e gramaticalmente tais proposições: Vive-se (O ser vive) Morre-se. (O ser morre) Quando se é bom. (Quando o ser é bom) não se é bom. (Quando o ser é bom) não se é desprezado. (O ser não é desprezado) etc." Com estas três espécies de "se", (É se demais!) pretende o sábio Sr. Dr. Castro ter decidido peremptoriamente as questões de "se"; mas te-lo-á conseguido com adesão de todos? Não com a nossa; porque a novidade da hipótese parece ter tanto de

extraordinário e pretensioso, que não pode um espírito refletido aceitá-la só pela agradável impressão que lhe causa, sem primeiro passa-la no cadinho da crítica, se logo lhe não descobre o desaprumo, que a fará cair ao sopro do lógico inteligente. Com efeito, refletindo-se sobre o "se" pronome e o "se" verbal, que o ilustrado Dr. Castro chama particular e sinal apassivador, sobre ambos juntamente, nos parece que um vale bem o outro, se o "se", pronome, não vale mais que o "se" verbal; porque, além de apassivar como ele, tem de mais a reflexão, que também é uma paixão, que se confunde com a ação, fazendo o mesmo agente paciente. Segundo a mesma lógica citada, a ação e a paixão são do mesmo agente em uma certa ordem necessária. Pois entende-se obrar primeiro o agente, que sofrer de si alguma coisa: Nam actio et passio sunt abipso agente ordine quuodam necessário. Prius enim intelligitar agensagere, quam aliquid a se pati. O "se", pronome complentário, deriva-se incontestavelmente de sui sibi, "se", que não tem nominativo, e por isso nunca pode ser sujeito, mas só complemento, como nesta frase de Cicero: Sic se res habel, em que o "se" apassiva o verbo sem ser reflexivo. Tem três formas, se si sigo, como me, mim, migo e te, ti, tigo, que

também não podem sujeitos. Ora, o procedente deve necessáriamente de ser da mesma natureza do procedido: logo o "se" português deve ser da mesma natureza do "se" latino; e por isso, como ele, passivo e apassivador; porque na lógica citada o verbo se põe da parte do predicado, de que é complemento o se passivo: semper ponitur ex parte praedicati. Assim, se o "se", que o Sr. Dr. Castro deriva do verbo ser ou ese aprassiva os verbos ativos transitivos, é por que então é essencialmente passivo (o que verá mais logo) aliás não poderia comunicar-lhes passividade alguma; porque: Nemo dat quod non habet. Mas, se um dos "se" é tão passivo e apassivador com o outro, para que dois? Um por certo é inútil, e o inútil deve ser o novissimo do Sr. Dr. Castro. Portanto deve conservar-se somente o "se" pronome antiquissimo, por ter a passividade comum e a passividade particular, que o faz chamar reflexivo. O pronome reflexivo só é próprio das pessoas, e não das coisas; pelo que nas frases, como esta do Dr. Castro: "vendem-se casas", o "se" não é reflexivo, mas passivo. Cumpre notar que "se" difere muito de "eu" e "tu", porque nunca é sujeito, como eles; e se é reflexo, como me, te, nós, vós, em relação às pessoas, é passivo em relação às coisas, que também tem ação

e paixão, como se vê neta frase: A seta feriu o alvo, em que seta é agente e alvo paciente. Se, pois, uma coisa pode ser paciente de outra, por que não o pode ser de se mesma? Por que não se pode fazer em português a passiva com pronome "se", como se faz no latim, e vê-se desta frase da lógica citada: Habent autem se actio in noc ordine? Aí esta "se" apassivando habent, como na frase: Vendem-se casa está "se" apassivando vendem. Pode dizer-se que "se" não é pronome, porque nestas palavras do Sr. Dr. — Omne nomen, accipiendo etiam pronomen pro nomine, aut significat determinatam naturam, ut homo, aut determinatam personam, ut ego et tu, aut determinatam naturam et personam, ut Socrates, Plato, etc., não se acha incluído, mas excluído, por que me, te, se, não significam pessoas, más paixões de pessoas: me de eu, te de tu, se de Sócrates. E se "se" significa paixão de uma natureza e pessoa determinada, como Sócrates, por que não pode significar as de uma natureza determinada somente como homem, casa, etc? Se ainda não satisfaz esta explicação tão clara, razoável e própria do "se", cedamos então ao uso, que assim o quiz, por que tem arbítrio, o direito e a norma de falar, como diz Horácio neste verso: Sic volet usus; Quem penes

arbitrium est, et jus, et norma loquendi. Mas que dissemos? Ceda ao uso que não reconhece outra razão e autoridade que a sua, e despreza por isso a razão e autoridade do incomparável filósofo que citamos. Todo outro qualquer concluirá conosco do texto supracitado que, se o pronome significa uma pessoa determinada, o nome comum uma natureza determinada, e o próprio uma natureza e uma pessoa determinada, é lógico que o nome próprio de homem é ao mesmo tempo uma espécie de pronome e de nome comum; porque equivale a ele e homem. Se "eu" é pronome de primeiro e "tu" pronome da segunda pessoa, Platão por valer ele é pronome da terceira, visto como todos, eu, tu e Platão significam uma pessoa determinada: e se homem é nome comum; Platão também em parte o deve ser; porque ambos significam uma natureza determinada. A contradição que aqui parece dar-se entre estes dois nomes, Platão e homem, é mais nominal que real; pois o homem também equivale a "ele", como se vê nesta frase: "O homem crê, mas ele não obra". "Eu" e "tu" equivalem a Platão, Pedro, Paulo, etc, porque só qualquer deles e outros tais podem dizer eu e só Eu é que diz tu e ele, porque é só quem fala: tu e ele nunca falam; porque são modos de falar do Eu.

Daqui segue-se que, se me significa as paixões da primeira e tu as da segunda pessoa, se necessariamente significa as da terceira expressa por nome próprio ou comum; e por conseguinte me, te, se são essencialmente passivos e apassivadores, sendo o se apassivador dos verbos, de que for sujeito um nome próprio ou comum. Se se quer uma prova de que as coisas também tem ação e paixão como as pessoas, ei-la nestas palavras do grande filósofo: Si enim agere nihil aliud est, quam causare formam in passo cum motu, et pati nihil aliud est, quam talem formam recipere, sequitur quod ad omnem actionem sequitur passio, et ad omne agere sequitur pati. E o exemplifica na água, dizendo que ela não se esquenta só porque tenha qualquer calor, mas que se esquenta e sofre uma paixão sed dicitur calefieri et pati, quando o calor é produzido por um agente externo. Na gramática se diz: "O fogo queimou as casas, como na arte do Padre Pereira. O fundo da engenhosa hipótese do sábio Sr. Dr. Castro é um falso suposto, como se vê da sua definição de "se", onde diz: "É uma pequena palavra, é uma partícula, que "tanto na forma como na essência" resente-se da natureza e propriedades do verbo, donde procede. "Ora, sendo da natureza e uma das propriedades "do

verbo "ser" apassivar" os verbos portugueses ativos transitivos, e "conservando esta partícula, que representa a raiz daquele verbo", a forma e essência do vocábulo primitivo, "a passiva também os verbos ativos transitivos". Eis aí o falso suposto do ilustrado Dr. Castro. Ele representa o verbo "ser" essencialmente apassivador, e derivando dele o seu "se", o faz também muito consequentemente apassivador. Mas quem já considerou o verbo ser apassivador? Em que e como lhe descobriu o Sr. Dr. Castro essa natureza e propriedade até hoje desconhecidas? Porque não o demonstrou? Não se pode aceitar esse seu postulado. Com efeito, se o verbo "ser" fosse apassivador dos verbos de ação transiente, seriam passivas todas as frases em que ele entrasse, como nesta: "Todo homem quer ser feliz". Mas quem já considerou passiva esta forma de oração e outras tais? É certo que sem o verbo "ser" não se faz oração da passiva, semelhante à dos latinos nos pretéritos dos verbos passivos; mas porventura é por ter ele a natureza e potência apassivadora? Não; nunca a teve nem na língua mãe, nem na língua filha. Quase todos filósofos o chamam de verbo substantivo; muitos afirmativo; apassivador — nenhum. O que faz a passiva com o verbo "ser", é o

particípio do passado, derivado do latino passivo. Se mencionamos tais particípios nas conjugações de nossos verbos, e tomando-os somente como particípios do passado, e não como passivos; porque não usamos de conjugações tais por não ter, mas da forma passiva do verbo ser com particípio para todos os tempos. Se fosse o verbo "ser" e não o particípio o apassivador, todas estas três frases: "O rei é amado", "O rei é chegado", "O rei é justo"; seriam passivas; mas ninguém as chamará tais; porque só é a primeira pelo particípio passivo amado. O falso suposto do Sr. Dr. Castro está em tomar por apassivador, em vez do particípio passivo, o verbo que afirma achar-se no sujeito a paixão, expressa pelo particípio, seja esse sujeito quem for, pessoa ou coisa. Se, pois, é o particípio passivo e não o verbo "ser", que tem a potência passiva, que estende a toda a frase é consequência lógica que o "se" do Sr. Dr. Castro, derivado por contração desse verbo ser, não pode ter a forma e essência apassivadora, que supõe ter verbo, que não tem; porque o gerado é a da natureza do gerante. Do que fica dito se vê que só o se, pronome, e o particípio passivo são apassivadores na frase passiva. Resta-nos agora tratar do "se", derivado do que o Sr. Dr. Castro chamamos infinito

substantivado, como se substantiva o de qualquer verbo; porque como já dissemos "habet vim nominis; e por isso se lhe ajunta o artigo e rege por qualquer preposição. Julgou ele muito bem que, na boa filosofia da linguagem, o verbo "ser" e os de ação intransigente não podem ser apassivados; e por isso entendeu que não se compadecem eles com o seu "se", apassivador, mas com outro o seu "se" que pudesse ser sujeito: e por isto o foi derivardo chamado substantivo "ser", com o que converte a frase: por ex: "vive-se" na frase "O ser vive". Com a invenção deste se pensa ter dado a nossa língua uma palavra semelhante ao on frances, ao one inglês e a man alemão; mas perguntamos: 1 — Esse on, one e man só se empregam com verbos intransitivos como esse seu se?; 2 — Não repugna aceitar esse seu se e derivá-lo do substantivo ser, sendo on, one e man de palavras que significam homem? Estas diferenças não prejudicam a semelhança, que parece dever ser total? Quando a nós, ou uma palavra perfeitamente semelhante a francesa, a inglesa e a alemã, ou nenhuma, como no latim, no italiano e no espanhol; pois não vemos razão que force a nossa língua a ser antes como aquelas do que como estas. Se nos responde o Sr. Dr. Castro que a razão é a necessidade

de explicar razoável, ou lógica e gramaticalmente o erro de se com verbos intransitivos, perguntamos ainda: Não se poderá explicá-lo por um idiotismo próprio de todas as línguas? Statur, ilur vivitur não são idiotismos da língua mãe, que se traduzir por esta-se, vai-se, vive-se, idiotismo da língua filha? Que há de estranhar na tradução de um por outro idiotismo perfeitamente semelhante? Si itur, statur e vivitur são verbos intransitivos apassivados pela forma, vai-se, esta-se, vive-se são também verbos da mesma natureza apassivados pelo se, pronome passivo. Idem per idem. Se os latinos regem esses seus idiotismos, dando por sujeito dos verbos os seus infinitivos, e não o infinitivo esse, regendo assim: Ire itur, e não esse itur, starc statur, e não esse statur etc. porque não hão de fazer os português só mesmo, regendo: O ir vai-se, e não: O ser vai-se, etc? Se na língua mãe nunca em tais frases se deu por sujeito o infinitivo esse substantivo, porque se há de agora na língua filha dar, nos mesmos casos, por sujeito ser substituído por se dele derivado, sendo ser substantivo o mesmo ser verbo? É uma lei rigorosa da sintaxe de regência não fazer a menor alteração nas palavras da frase para não alterar o pensamento, que deve ser conservado em toda a sua integridade.

Como, pois, o altera o Sr. Dr. Castro substituindo ser a se, e juntando-lhe o artigo o, que não tem frase? Conforme esta lei, a regência de vive-se por ex, substituindo ser a se dele derivado, deve de ser assim: "ser vive" e não: "o ser vive", porque a frase é: "vive-se" não: vive o se. Não é isto uma sutileza, porque ser e o ser são diferentes: "diversum est esse et id quod est" é o ser, o ente, o real, o concreto; esse é ser, o não ente, o intelectual, o abstrato. "Quia igitur, ut dictum est, ipsum esse significatur, ut abstractum, id quod est ut concretum consequens est verum esse quod hic dicitur, quod id quod est, potest aliquid habere proeter quam quod ipsum est, scilicet propter quod esse ntiam, sed ipsum esse nihil habet admixtum praeter suam essentim" diz o S. Dr. nas "semanas". A citada lei de sintaxe não sofre que se tome o "id quod est" o ser por "ipsum esse, ser". O acrescentamento, pois, do artigo é um arbítrio que essa lei não sofre. O Sr. Dr. Castro parece querer justificá-lo nesta sua passagem. "Neste modo de explanar a questão, não fica a língua portuguesa abaixo da francesa, inglesa, e alemã, porque, se estas têm o seu on, one e man, tem aquela o substantivo ser, representado pelo radical, "masi lao e mais compreensivo do que o substantivo homem", que

cada uma daquelas três palavras exprime". Mas ia onde supõe a virtude, é que está o vício da sua hipótese. É por isso mesmo que ser é mais lato e mais compreensivo, do que homem, que ficaria a nossa lingua abaixo da francesa, inglesa e alemã, se se adotasse a hipótese do Sr. Dr. Castro; porque compreendendo ele o "ente" e o "não — ente" o concreto e o abstrato, o animado e o inanimad, não pode ser tomado indistintamente por sujeito dos verbos como "viver, morrer", que só admitem por tai o ser real animado, que é vivente e mortal. A frase, pois: "O ser vive" é absurda, porque sendo por exemplo, "prata, ouro pedra" seres que não tem vida, nela se afirma implicitamente que vivem; e a frase; "O ser morre" é também absurda, porque sendo Deus, o anjo, a alma seres imortais, se afirma implicitamente que morrem. Foi sem dúvida por isso mesmo que ser é mais lato e mais compreensivo que homem que os sábios organizadores da língua francesa, inglesa e alemã preferiram "on, one, man" a, "ser". É evidente que ser é mais lato que "animal" e animal mais lato que "homem"; mas esses sábios, vendo logo o absurdo que se seguiria de tomar por sujeito desses e de outros verbos tais qualquer desses termos mais latos, tomaram o mais restrito e mais

próprio da natureza deles e de qualquer outro. Hipótese por hipótese, poder-se-ia admitir por melhor o se contraido de "esse", artigo particular, derivado de "ipse" latino, em vez de se contraido de ser substantivo; porque com ele se evitaria a violação da lei de sintaxe de regência pelo acrescentamento do artigo geral o absurdo de ser sujeito de verbos que os repelle-me o ente inanimado o não — ente. Com ele se imitaria melhor as outras linguas, porque se subentender "homem". Assim as frases, "vive-se, morre-se" se regeriam: "Esse vive isto é, "Esse homem vive: "Este morre" isto é, "Esse homem morre: Mas esta hipótese, embora melhor que a do Sr. Dr. Castro, teria o deleito contrário; por que uma generaliza de mais, a outra de mais particularisa. Em nossa humilde opinião, o melhor modo de reger esses idiotismos não é o de qualquer destas hipóteses, nem o dos latinos, mas como dizemos em nossa gramática, tomar essas frases por elipticas, e subentender para o "verbo" um sujeito conveniente, e para o "se" um participio ativo consoante. Assim a frase: "vivem-se bem com conduzindo-se bem com pouco; e a frase: "morrer-se de fome, rege-se "alguém morre debilitando-se de fome". Contra tantas razões, parece que não pode ter-se em pé a hipótese

do Sr. Dr. Castro; mas o que a destroe pela base sem remédio, é esta frase antiguisima de Eutr, citada por Moraes em seu dicionário: — "Seja-se ele vosso"; resposta a estoutra: "Ele é vosso grande servidor". Que faz ai esse "se"? O sujeito é "ele", representando um nome próprio, e atributo é "vosso" concordando com "servidor" subentendido. Que faz, pois esse "se"? Na hipótese do Sr. Dr. Castro parece ser uma excrescência na economia da frase; mas em nossa humilde opinião, faz um idiotismo, e o mesmo que faria substituindo-se "seja" por "faça", ficando a frase: "Faça-se ele vosso" em que conservam seus lugares, "ele" de sujeito, "vosso" de atributo modal, e "se" de objetivo de faça, como é por idiotismo de "seja". Nós regeriamos conforme a regra acima, modificando o particípio ativo por um advérbio assim: "seja ele havendo-se bem vosso servidor. Em conclusão; que mostra esta tão remota antiguidade? Que se nunca foi tomado por contração de ser substantivo para sujeito de verbos intransitivos. Por tanto está demonstrado, parece-nos, que a engenhosa hipótese do Sr. Dr. Castro é mais especiosa que sólida, como dissemos a princípio.

M. Soares da S. Bezerra.

A ação católica de Manuel Soares da Silva Bezerra no Ceará

O primeiro filósofo cearense Manuel Soares era um consagrado, porque ele consagrou toda a sua vida a serviço da Igreja Católica.

Manuel Soares é considerado por mim o primeiro filósofo cearense porque ele viveu para fazer o bem e a caridade. Se não for Manuel Soares, quem será o primeiro filósofo cearense?

A ação católica de Manuel Soares começou na caridade, pois ele foi o primeiro cearense que tentou ensinar a sabedoria católica ao povo cearense. Ele era um verdadeiro professor.

Quantas demonstrações de heroísmo Manuel Soares já demonstrou para nós! Quantas demonstrações de desinteresse pela vida mundana! Nós, os estudantes de filosofia do Ceará, devemos sempre nos inspirar em Manuel Soares, porque é ele o primeiro filósofo genuinamente cearense.

Para Manuel Soares não existia a separação entre o plano religioso e o plano político, ambos estavam totalmente fundidos na sua mentalidade.

Irei reproduzir agora mais um excelente texto de Manuel Soares retirado do jornal A América. Esse texto resume de forma simples e clara a vida e as ideias de Manuel Soares. Toda a atuação política-religiosa de Manuel Soares da Silva Bezerra está resumidamente neste texto:

A causa da nossa desmoralização

> "Até o triunfo do cristianismo, os imperadores romanos eram ao mesmo tempo pontífices da religião dos deuses falsos, como é hoje a rainha da Inglaterra, o czar da Rússia, o sultão da Turquia. Poder que se arrogava sem ninguém lhe conferir; porque, a sociedade que os aclamava e reconhecia, sendo temporal, não lhes podia dar a jurisdição eterna, que não tinham. Mas a tal altura se elevou o cristianismo, que o seu chefe foi reconhecido como único autorizado, pelo poder de apascentar as ovelhas e os cordeiros do justo, vencendo do mando sobre as coisas Eternas; e como o primeiro nas hierarquias sociais, que devem de absoluta necessidade existir, para que exista ordem nas coisas criadas. Então o imperador Anastácio ouviu, sem ofender-se, dizer-lhe o Papa Gelásio: "Há duas coisas, Augusto Imperador, pelas quais este mundo

se governa: a autoridade sagrada dos pontífices, e o poder de César". A autoridade dos bispos é tanto mais temível, quanto devem eles prestar contas a Deus no último juízo da salvação mesma dos reis. Não ignorais que, com quanto sua dignidade te eleve acima de todos os homens, deve se curvar humildemente a cabeça diante dos pontífices encarregados da dispensa das coisas divinas, e que lhe deveis ser submisso no que respeita às coisas relativas a salvação que dependem do vosso juízo, e não tendes o direito de sujeitar a vossa vontade. Em tudo o que é da ordem pública esses mesmos bispos obedecem as vossas leis; a vosso turno deveis obedecer-lhes no que respeita às coisas santas; não eram os papas que se arrogam esta supremacia espiritual por esse desejo inato de dominar exclusivamente; os mesmos imperadores reconheciam, como Constantino, ainda cercado de todos os monumentos da grandeza e vaidade do paganismo, respirando ainda em uma atmosfera moral cheia das mais perniciosas doutrinas dos filósofos gregos, que nunca se acabaram; pelo contrário, travando luta com os cristãos, os que têm por seus sucessores arrastado a seu partido, que é o racionalismo, ou a divinização da razão e de todas as

ruins paixões, que essa razão em delírio tem divinizado na filosofia, na moral, na política, na literatura, na poesia, na pintura, na escultura, etc, tudo para corromper-nos. Sim; Constantino, apesar de tudo isto, quando Roma lhe apontava com o dedo para estás glórias passadas, e procurava retê-lo nas ideias, para essas de seus antecessores, apresenta-se no Concílio de Nicéia, e se submete a essa supremacia por estes termos: "Deus vos fez seus pontífices, e vos tem dado poder de julgar os povos e a nós mesmos. É pois justo que nos submetemos aos vossos juízos, e não empreendemos ser vossos juízes. Como nossos deuses, o pôr Deus vos estabeleceu para serdes está semelhança como seriam os deuses julgados pelos homens?". E não foi isso um erro de Constantino, seduzido pela novidade da crença que abraçava, ou dominado por algum fanatismo na exaltação de sua imaginação sobre a santidade da nova religião; não; Porque São Tomás, na sinceridade e pureza de sua virtude, e pelo amor a ordem e da harmonia entre o poder civil e espiritual. São Tomás tão santo como tão filósofo, tão cristão como tão cidadão, falando do fim e direção da sociedade, ensinou a mesma verdade nestes termos: "para que as coisas temporárias e as espirituais não

se confundam, foi confiada está suprema direção aos padres, principalmente ao soberano pontífice, sucessor de Pedro, vigário de Jesus Cristo, o Pontífice Romano, a quem todos os reis do povo cristão devem ser submisso ao superior, e todos chegam ao seu fim". Bem entendido, que nem São Gelásio nem São Tomás quiseram dizer que os Papas tinham a supremacia no temporal; pois diz Louis Veuillot: "Nem na idade média, nem mesmo na nossa época, os Papas pretenderam ter como Papas algum direito temporal sobre as potências temporárias. Ora, uma potência da ordem temporal, sobre que nenhuma outra pode pretender algum direto desta ordem, é nesta ordem plenamente independente e soberana, o que não impede que ela não seja submissa às leis da ordem superior, pela qual a inferior é regida. Nestes termos as potências temporais são, como tais, independentes e soberanas; e todavia, são também como tais obrigadas a se conformar em seus altos as leis de religião e da justiça, de que a autoridade suprema na ordem espiritual é o intérprete e o guarda". Tanto eram estas as ideias que votavam naqueles tempos de moralização, até mesmo no direito público da Europa, que, estando em guerra os reis de França e Aragão, para evitarem o

derramamento de sangue do povo de Deus, lembrados de que eram reis cristão, acordaram no seguinte compromisso: "nosso santo pai, o Papa, com nosso consentimento e do nosso irmão, se encarregará, ouvidas as partes, de ordenar como lhe parecer de razão; porque nós e nosso dito irmão nos submetemos ao nosso dito santo pai, sem prejuízo de nossa soberania, pelas mais fortes seguranças, que podem haver neste fato; e não poderemos jamais nós e o nosso dito irmão, nem os nossos e os seus sucessores proceder por via de fato nem de guerra, por ocasiões das coisas sobreditas ou de suas dependências, mas reconhecer sempre nosso dito santo pai, que é, e sempre será". Os reis e os imperadores daqueles tempos de santos costumes, em que o nome de Jesus Cristo era invocado em todos os negócios, como a luz que alumia nas trevas, e o cristianismo dava o diapasão de toda a liberdade e direito, assim público como particular, vendiam as decisões do santo pai, que é e será sempre, ainda mesmo dos filhos pródigos destes tempos de costumes perdidos, e se conformam quando a coroa lhes era tirada em benefício dos povos, que governavam contra o verdadeiro fim social, fazendo-se uma grande revolução pacífica e quase

insensivelmente sem uma vítima, sem uma gota de sangue, sem dispêndio de um real; em uma palavra sem os violentos abalos e horríveis calamidades, com que se operam hoje. Quando os reis e imperadores resistiram às advertências do santo pai e desprezaram as suas decisões, ele os depunha pela excomunhão, como sucedeu com Henrique IV, chamado o Nero da Alemanha; contra Frederico, cujos crimes foram o terror e a vergonha do seu século, e contra Frederico, cujos crimes foram o terror e a vergonha do seu século, e contra Henrique VIII que assentou todos os crimes no trono da Inglaterra. Por mais brevidade, transcrevemos somente a forma da excomunhão contra este último, fulminada pelo Papa paulo III: "aquele, diz ele, que de sua imóvel eternidade imprime por sua providência a todas as criaturas o movimento, que admiramos, se dignou, em sua clemência, estabelecer-nos sem merecimento de nossa parte seu vigário sobre a terra, colocar-nos sobre o trono da justiça, e nos dizer, como Jeremias: "eis aí te tenho constituído sobre as nações e sobre as ruínas com poder de tirar e de construir, de plantar". Imitando aquele cuja misericórdia iguala ao poder, levado pela solicitude apostólica, que nos obriga a velar no bem de todas as pessoas divinamente

confiadas a nossos cuidados, nos vemos obrigados, para colocá-las ao abrigo dos erros, dos escândalos, dos excessos, e das enormidades de todo o gênero de que a malícia do demônio as cerca, de nos embravecermos contra os que são seus autores". Em consequência, para por o tirano fora do estado de fazer o mal, e salvar a ordem pública, a liberdade, a propriedade, a fé da Inglaterra, diz Gaume, o soberano Pontífice, arredou-lhe o povo, proibindo, sob pena de incorrer na mesma pena de excomunhão, a prestar-lhes ajuda ou assistência: depois dele ficar obstinado, o chefe da família européia, ordena a todos os reis, seus filhos, que vão em socorro da Inglaterra, e que a salvem do sanguinolento que a devasta. Ao passo que o cristianismo chega a essa altura na política, não desce no espírito da sociedade. A Europa se cobre de conventos de diferentes ordens de ambos os sexos, que constituem uma poderosa milícia celeste. A mulher é tirada da escravidão e aviltamento em que vivia, e elevada a sublime categoria de ministra na família, como o elo, que liga a cadeia do pai ao filho, entre os quais serve de medianeira com o duplo caráter de forte para o filho e de fraca para o marido, a que é julgada igual; por que não a formaram Deus

da cabeça do homem, para não ser superior, nem dos pés, para não ser inferior, mas da costela; pelo que disse Adão: eis aí a carne da minha carne e osso dos meus ossos. O filho adquire os seus direitos naturais; porque foi abolido o direito de vida e morte que tinham os pais, e foi considerado membro excelente da família, gérmen de novas famílias futuras, que deviam suceder a de sua criação. Homem, seu irmão, por força desta fraternidade a escravidão chegou a ser abolida na Europa. As missões se multiplicaram e estenderam por todas as partes da terra, para levarem aos selvagens dos desertos e das florestas a luz do evangelho, a civilização ao mundo, a felicidade eterna. As nações civilizadas se uniram para destruir a barbárie, e reduziram nas suas cruzadas o poder imenso do crescente. O cristianismo ardia no coração de todos, como a lâmpada nas capelas sagradas; toda boca só proferida a verdade que alimentava está chama, e as ações se conformaram com as mais puras e santas intenções. Era firme a amizade dos amigos, certa fidelidade dos cônjuges, imenso o respeito dos filhos, incalculável o amor da pátria. Qual a causa desta imensa e incalculável mudança e inversão absoluta da humanidade e da sociedade do fim da segunda fase para o meio a fase a

que assistimos? Foi certamente o cristianismo. Qual é, pois, a causa da nossa desmoralização, de certo abandono? A falta do cristianismo! Cultivemo-lo hoje como o cultivaram os nossos antepassados no princípio desta fase, que seremos moralizados como eles foram".

A defesa do sumo pontífice romano era algo normal, essencial e excepcional na apologética católica de Manuel Soares. Esse texto comprova de forma irrefutável que Manuel Soares foi um ultramontano junto com Joseph de Maistre e vários outros. É o que eu entendi deste texto sobre a queda do papado publicado em A América no ano de 1861:

A queda do papado

"Quando é atacado o chefe de Estado, todos os cidadãos se levantam em sua defesa, fazendo sua a ofensa dele; assim também, quando é atacado o chefe da Igreja, todos os cristãos com mais razão devem levantar um brado uníssono, tomando por contra a sua fé o ataque feito a pessoa daquele, a quem foi dado abrir-nos ou feixar-nos as porta do céu. Todos pertencemos ao mesmo tempo ao Estado

e a Igreja, somos todos igualmente membros dessas duas sociedades, civil e religiosa, não devemos ser mais zelosos da pátria que dá religião. Cumpre, pois, que todos os cristãos do mundo, das diferentes línguas e nações, se levantem e soltem um grande gemido de dor pela destronização do chefe espiritual, pela destruição da independência e liberdade da Igreja, pela ruína de nossa religião, pela desgraça da humanidade. A imprensa, essa maravilhosa língua das sociedades modernas, que faz repercutir a sua voz até os confins da terra, e através das gerações; a imprensa católica deve ser a primeira a dar sinal dessa grande dor. O nosso soberano pontífice não nos deve merecer menos atenção, menos amor, menos dedicação, do que o nosso bom monarca temporal: o que faríamos por este, se um conquistador injusto nos acometesse, e o obrigasse a reconhecer-se por ser súbdito, embora o deixasse no governo do país, como nosso chefe, devemos fazer pelo nosso monarca espiritual, ontem rei da itália, hoje súdito de um usurpador, por um princípio destruidor de todo o direito público da Europa; pela traição apoiada na influência da Inglaterra protestante e inimiga do catolicismo, e na hipocrisia da França; pela ímpia e violenta demagogia. O

racionalismo, filho primogênito da antiga filosofia pagã, nascido há três séculos, tem tomado as proporções de gigante deste, sob o título sedutor de civilização moderna, que é a civilização filosófica, antagonista da civilização católica, e que com a máscara da hipocrisia insensata, jacta-se de um imenso progresso, sendo um verdadeiro regresso ao paganismo, em que a força era o direito das nações, e os imperadores reuniam o poder civil e espiritual, e traziam a humanidade na escravidão, de que o cristianismo veio liberta-la. Este gigante acaba de destruir a obra de onze séculos, garantia da unidade e perpetuidade da nossa fé. O Papa deixou de ser o rei da Itália, para ser o capelão do seu súdito, Victor Manoel! Essa única monarquia do mundo civilizado de tantos séculos devia por ódio dessa sua antiguidade mesmo cair, perante as novas monarquias por ela civilizadas. A destruição do poder temporal do Papa é o primeiro passo; resta o último, que é a destruição do poder espiritual. Para que o racionalismo chegue a todas as suas consequências, não deve parar na ressurreição do princípio pagão de engrandecer-se uma nação à custa de outra, e na destruição somente do poder temporal do Papa; em consequência desse princípio

civilizado, deve ir até a ressurreição dos imperadores pontífices máximos, como foram os seus mestres. Ele irá, por que não há de parar nem recuar do meio caminho andado. Vamos por esse progresso da civilização moderna aos tempos de Tibério, de Calígula, de Nero, de Vespasiano, etc. Reúnam os reis e os imperadores, como eles, o poder espiritual ao temporal, sejam os imperadores católicos, como os protestantes e cismáticos, gozando dos mesmos poderes. Assim como o racionalismo achou razão para serem na Inglaterra, na Rússia e nos Estados Unidos, etc. pontífices os seus chefes achará também para que os católicos façam o mesmo. Todos os estados podem ser, como julga Mr. Proudhon muito razoável, papados sem Papa. Está sem dúvida deve ser a marcha da civilização, que Napoleão III promete desempenhar, quando em resposta à comissão que lhe apresentou a resposta à sua fala ao corpo legislativo, disse: "Acomodamo-nos às ideias da nossa época, conservar do passado o que aí podermos colher o bem, preparar o futuro, desimpedido a marcha da civilização dos prejuízos que a estorvam, e das utopias que a comprometem, eis aqui como legaremos a nossos filhos dias felizes e tranquilos". Sem dúvida as ideias da época são poder se à França

engrandecer, conquistado talvez a Inglaterra, por esse princípio com que o Piemonte engrandece-se à custa de Nápoles; e os prejuízos europeus são a conservação do poder temporal do Papa. E Napoleão deve ser bom lógico em querer ir adiante, assim como o presidente da República francesa foi o imperador da França. Napoleão e Lord Russell animaram a Victor Manoel contra o Papa, e o conde Cavour arranja e prepara tudo com toda a hipocrisia necessária, para chegar ao fim; e por isso promete assim a independência e liberdade do Papa. "Devemos ir a Roma, é verdade, mas lá deveremos ir sem sacrificar essa independência, sem que o Estado estenda o seu domínio sobre a Igreja, e quando fizermos compreender ao Papa que a sua liberdade será mais garantida pelo amor de 26 milhões de cidadãos, que por alguns mercenários..." E acrescenta: "Se por circunstâncias fatais à Igreja e à Itália o espírito do Papa não mudar, se continuar inabalável no seu propósito de repelir toda e qualquer combinação, então Srs ainda assim não cessaremos de proclamar os princípios que acabo de vos expor; princípios que estou bem convencido, receberam um acolhimento favorável; não cessaremos de afirmar, que qualquer que seja a

maneira porque a Itália chega a Roma, ou por vontade ou por força, há de sempre declarar o princípio da separação da Igreja, e aplicar imediatamente sobre bases as mais fecundas o princípio de liberdade da mesma Igreja". Que bela promessa! Voltaire, pai desta civilização filosófica, nascida no século XVIII, falando das lutas dos imperadores alemães com os Papas e a Itália, disse: "Nesses tempos desgraçados os Papas andavam em pregão, como que quase todos os Bispos: se esta autoridade dos imperadores tivesse durado, os Papas não teriam sido, senão seus capelães, e a Itália teria sido escrava". Eis aí está o que querem hoje os discípulos de Voltaire. Sobre que base assentará o conde Cavour a liberdade da igreja? Quem crerá nesta ficção, à vista do que na câmara dos deputados de Espanha, a 4 de janeiro de 1848, disse o imortal Marques de Valdegamas, grande diplomata, grande publicista, grande filósofo, grande historiador, grande orador e grande católico. Sem dúvida alguma, disse ele, o poder espiritual é o principal no Papa; o poder temporal o acessório; mas este acessório é necessário. O mundo católico tem o direito de exigir que o oráculo infalível de seus dogmas seja livre e independente; e o mundo católico não pode ter a

certeza de que o seu chefe espiritual é independente e livre senão quando este chefe é soberano; só o soberano não depende de ninguém (muito bem! muito bem!) Por consequência meus Srs, a questão de soberania, que é por toda a parte uma questão política, é de mais em Roma uma questão religiosa; o povo, que pode ser soberano por toda a parte, não pode ser em Roma; as assembléias constituintes, que pode existir em todos os outros países, não podem existir em Roma, em Roma não pode haver outro poder constituinte, senão o poder constituído. Roma, meu Srs, e os Estados pontifícios não pertencem a Roma, pertencem ao mundo católico. O mundo católico os tem reconhecido do Papa, para que ele seja livre e independente; o Papa mesmo não pode despojar-se desta soberania, desta independência (aplausos geral). Para bem compreender-se esta questão, e apreciarem-se estas ideias deste grande homem, é mister saber-se que depois da morte de Pio VI, prisioneiro do Diretório, foi preciso para eleger-se Papa, que o consentisse a Áustria a força de rogativas; e sendo eleito Monsenhor Bellisoni, Bispo de Cesena, é comunicada a eleição, por se demorar ela um em dar sua decisão, o cardeal Gonçalves, apoiado nas tropas

francesas pelo cardeal Maurieio, propôs a Chiaramonte, Bispo de Imola amigo da França. Assim foi eleito Pio VII, apesar da Áustria, por suas manobras, diz Albert Blanc. Ora, se o cristianismo esteve neste pé, tendo os Papas o poder temporal, sendo reis, o que é de esperar não o tendo sendo súditos? O que diz o Marquês de Valdegamas se reforça pelo que diz o novo apóstolo das gentes, o incomparável Padre Ventura no seu Ensaio sobre o poder público nestes termos: O Papa não rei, na ordem temporal, seria necessariamente um Papa súdito de algum rei, e um Papa súdito de algum rei seria um objeto ao menos de confiança para os outros reis; e desde então a independência de sua autoridade espiritual seria muito comprometida aos olhos do mundo católico. Como a França, pois, dizia Napoleão I, de quem referimos em outra parte o notável testemunha em sua integridade, como a França poderia acomodar-se com um Papa súdito da Áustria, ou a Áustria com um Papa súdito da França? Vede com que facilidade todas as potências e povos verdadeiramente católicos se acomodam com um Papa romano, isto é, com um Papa independente mesmo temporalmente de outro qualquer poder temporal, com um Papa rei. Este inconveniente que

é de um imenso alcance em relação à dignidade e liberdade da ação do chefe da Igreja, não seria, ou ao menos não teria o mesmo grau de gravidade, quando o mundo político não tinha senão um chefe único na pessoa do imperador romano: mas desde o instante em que o poder político começou a ser partilhado por dois imperadores, um grego outro latino, este inconveniente se manifestou com funestos sintomas de aversão, que sempre e por toda a parte tem alocado ao cisma. Os latinos experimentaram tanta repugnância de se submeterem a um Papa súdito do César do Oriente, como os gregos de se sujeitar a um Papa, súdito do César do Ocidente. Quando mais tarde o império romano caiu sob o martelo dos bárbaros, e tantas nações e reinos diferentes em língua e em costumes surgiram como por encantamento de suas minas, o mesmo inconveniente tomou proporções infinitamente maiores, e a realeza pontifícia tornou-se uma necessidade social, e não deixou mais de existir. O pensamento de Napoleão I, citado pelo Padre Ventura se acha melhor desenvolvido por ele mesmo, como se lê na história do Consulado e do Império de Mr Thiers nestes termos: "A instituição que mantém a unidade da fé isto é o Papa, guarda da

unidade católica, é uma instituição admirável. Exproba-se a este chefe de ser um soberano estrangeiro. Este chefe é estrangeiro! com efeito, e deve-se agradecer isso céu. Que! No mesmo país figura-se uma autoridade semelhante ao lado do governo do Estado? Reunida ao governo, esta autoridade se tornaria o despotismo do sultão; separada, hostil talvez, produziria uma rivalidade horrível, intolerável. O Papa está fora de Paris, e isso é bem; não está nem em Madrid, nem em Viena, e é por isso que suportamos sua autoridade espiritual. Em Viena e em Madrid se tem fundamento para dizer outro tantos cres-se que se ele estivesse em Paris os Vienenses, os Espanhóis consentiram em receber suas decisões? Cada um é muito feliz que ele resida fora de sua casa, e que, residindo fora de sua casa, não resida na de seus rivais; que habita nessa velha Roma, longe da mão dos imperadores da Alemanha, longe da dos reis de França, ou dos reis da Espanha, tendo a balança igual entre todos os soberanos católicos, inclinando sempre um pouco para o mais forte, e repreendendo logo, se o mais forte se tornar opressor. Foram os séculos que fizeram isso, e foi bem feito. Para o governo das almas é o melhor, a mais benéfica instituição, que se pode imaginar... A

religião católica é a da pátria, com que somos nascidos; ela tem um governo profundamente concebido, que impede as disputas tanto quanto é possível impedir-as com o espírito disputador dos homens; este governo está fora de Paris, deve-se aplaudir isso; não está em Viena, não está em Madrid, esta Roma, é por isso que é aceitável". Os que combatem esta razão das coisas, dos fatos e dos tempos, não sabem por certo conciliar a política com a religião, como nos ensina Mr Bonald em suas Melanges. "Não me acusem, diz ele, de fazer da religião um negócio de política na acepção que comumente se dá a esta expressão. Sem dúvida eu faço da religião um negócio de política, e o primeiro e o mais importante da política; porque faço da política um grande e importante negócio da religião, eu não considero a religião como homem de Estado, senão por que considero a política como homem religioso, e porque olhando a religião como poder supremo (por suas leis e não por seus padres), e o governo como seu ministro, penso que devem ser indissoluvelmente unidos, como o esposo e a esposa, para concorrerem juntamente ao fim único da grande família, que não é inteiramente, como ensinam, uma política de contenção e uma moral de

teatro, de multiplicar homens e procurar-lhes riquezas e gozos, mas antes de tudo de fazê-los bons, para torná-los feliz". O Sumo Pontífice, esse herói, este santo mártir de nossos dias, responde com um saber e virtude admirável a esses antagonistas de Mr. Bonald fautores de Victor Manoel contra Francisco II, contra ele, e às imposturas de Cavour deste modo: "Aqueles que nos tem excitado para que o bem da religião apontamos a mão, que nos estende a civilização moderna, já temos pedido que nos respondam se os fatos são tais, que possam eles induzir o vigário de Jesus Cristo sobre a terra a fazer aliança sem grave perigo para a sua consciência, e sem muito grande escândalo para todos com a sociedade moderna, cuja obra tem produzido tantos males, nunca assás deploráveis, tem promulgado tantos princípios, opiniões detestáveis, e erros absolutamente opostos à doutrina da religião católica! Essa civilização moderna sob o pretexto de favorecer o culto católico não veda os empregos públicos aos próprios infiéis; essa civilização concede subsídios às instituições e pessoas não católicas. E porventura o pontífice romano pode estender-lhe a mão de amigo, unir-se com ela por um pacto de aliança e de concórdia? Como poderia ele abandonar

a sua causa, consentindo que a santa fé seja abalada, que a Itália tenha a infelicidade de perder o seu esplendor e a sua glória, que há onze séculos sobre ela resplandece, partindo do centro e da sede da verdade católica? — Pois que o ataque dirigido contra o pontífice romano não abala somente à santa sé, despojada inteiramente do seu legítimo poder temporal, faz também com que a virtude salutar da religião católica se enfraqueça, e até faria com que de todo desaparecesse, se tanto fosse possível. "Depois de haverem insultado a religião convidando-a hipocritamente a pactuar com a civilização moderna, com a mesma hipocrisia nos exortam a reconciliarmo-nos com a Itália, e a sancionarmos a usurpação... Saibam todos que os perturbadores da sociedade não se contentaram o fazer desaparecer todo o princípio de autoridade, todo o freio de religião, e toda a regra de direito e de justiça; chegaram até o ponto de perverter os espíritos, debilitar o senso moral, e extinguir o horror da injustiça. A estes conselheiros hipócritas e seus favoritos, que marcham para Roma, aplicamos esta outra tirada do mesmo discurso do Marquês de Valdegamas contra a demagogia romana, quando quis destronizar o Papa, como hoje encarnada em

> Victor Manoel. "A demagogia não reinará senão como escrava de Deus, e como instrumento de seus desígnios. Que importa que ela vá ao Capitólio? Quem em nossos dias chegou aonde vai? O dia mais brilhante não se torna uma noite tenebrosa para transviar de seu caminho aquele que marcha? Se a França foi à república, crendo irá reformar; se depois ela foi à ditadura, crendo ir ao socialismo; se Carlos Alberto foi a Turim, crendo ir a Milão; se Radetzky foi a Milão, crendo ir aos Alpes, será mais admirável que a demagogia, crendo ir ao Capitólio, vá à rocha tarpeia?" Nós cremos com esse grande homem que sem a Igreja não há senão o caos; e um grande caos começa a envolver a Europa, que julga muito lúcidas as ideias desta nossa época. Victor Manoel vai apagar, a luz que o Senhor, pôs sobre o alto da montanha para guiar as nações. Pois bem: talvez alguém diga dele o que disse S. Gregório Nazianzeno de Juliano".

As conferências de Manuel Soares em Fortaleza foram motivo de escândalo. Mas era escândalo só para os ateus, maçônicos, liberais, comunistas, evolucionistas, materialistas. É o que se entende desse texto:

> "Das lutas travadas por estes órgãos da imprensa, nesse período (pondo de lado as tricas e futricas costumeiras), destaca-se a polêmica provocada pelas conferências que o Dr. Manuel Soares da Silva Bezerra pronunciou na Praça da Feira Nova. O grupo independente, representado, entre outros, por João Brígido, Tomás Pompeu Filho, Xilderico de Faria, Araripe Júnior (o futuro grande crítico literário e um dos mais audaciosos) passou a objetar o orador. A discussão, acalorada na praça pública, passou para a imprensa, ainda mais exaltada. Fraternidade publicou uma série de artigos sob o título "As Conferências Ultramontanas do Dr. Soares". A Tribuna Católica revidou. O Cearense tomou parte na luta. Apareceram os "protestos", com tonalidades violentas: de Araripe Júnior, de Tomás Pompeu Filho, de Xilderico de Faria, do professor do Liceu, Tasso Portugal. Corria o ano de 1874".

O próprio intelectual cearense Rocha Lima, que era um materialista e evolucionista ateu, reconhece a ação católica de Manuel Soares como sendo um grande defensor dos direitos da Igreja Católica no Ceará:

> "No que se refere a "defesa dos direitos da igreja" é fundamental perceber o papel da imprensa católica e do partido católico. Na imprensa, destacamos a atuação de jornais como: A Tribuna Católica e A Verdade".

Não podemos esquecer que Manuel Soares era o redator-chefe da Tribuna Católica no Ceará.

De modo geral, posicionou-se a ação católica de Manuel Soares contra o liberalismo, a revolução francesa, o capitalismo, o comunismo, a ciência moderna, a igualdade, o individualismo e a reforma protestante.

Nesse ponto, o século XIX representou o maior momento da ação católica no Ceará que vai perdurar por todo o século XIX e vai se acabar com a ditadura militar em 1964 onde o Brasil passa a ser governado por militares positivistas e protestantes. E a partir daí não teremos mais ação católica no Ceará, mas apenas um silêncio assustador.

É no século XIX que aparece a elaboração da ação católica de Manuel Soares da Silva Bezerra, irrecusavelmente o melhor filósofo cearense que desenvolveu de forma sistemática no Ceará as teses do ultramontanismo, dando consistência a uma de suas correntes, e que mesmo sendo cearense ele se aproximou do Joseph de Maistre, De Bonald, Donoso Cortês e Padre Ventura. Pois, antes dele, o que

vinha subsistindo no Ceará era o absolutismo monárquico, com a junção do galicanismo, variante mais tipicamente ideológica e política, do que propriamente religiosa como o ultramontanismo. Os galicanos defendiam que a Igreja Católica no Brasil obedecesse apenas ao imperador do Brasil; já os ultramontanos defendiam que apenas o Papa mandasse na igreja. E eles estavam corretos. Nenhum político tem o direito de governar a igreja.

Manuel Soares ficou conhecido por suas excelentes conferências. Elas eram motivos de escândalo para alguns intelectuais cearenses. Entre eles, Araripe Júnior, Tomás Pompeu e o ex-padre José Martiniano de Alencar, e outros tinham verdadeiro pavor e nutriam ódio mortal por Manuel Soares. Até o mesmo o seu próprio irmão Bezerra de Menezes debochava dele em uma carta escrita em 3 de outubro de 1920 sob o nome "Valioso Autógrafo", dando a entender que Manuel Soares era seu fã, mas na verdade era o irmão mais velho preocupado com os rumos que o seu irmão mais novo estava tomando com o abandono do catolicismo pelo espiritismo. Bezerra de Menezes escreveu essa carta ao seu irmão Manuel Soares após ele ter dito que "fora da Igreja Católica não existe salvação" e que ele não deveria rejeitar a fé que recebeu junto com o leite materno.

Porém, nem tudo entre eles era inimizade. O próprio Bezerra de Menezes, quando mais jovem, defendia o seu

irmão mais velho das injustiças em que ele sofria por conta da política. No jornal Pedro II existe um texto onde Adolpho Bezerra de Menezes defende o seu irmão após sofrer uma traição do conselheiro Zacarias, após Manuel Soares ser demitida da tesouraria da fazenda do Ceará por ser conservador, enquanto Zacarias era liberal. Veja o texto onde Bezerra de Menezes defende o seu honrado irmão:

> "Quando na câmara dos deputados, eu demonstrei ao partido liberal como o Sr. conselheiro Zacarias lhe armava traição, do mesmo modo porque em 1862 armara ao partido conservador para correr ao poder à sombra da nova bandeira triunfante, não me iludi; sabia bem que S.Exc. não perderia ocasião de tirar desforço da minha temeridade. Os grandes homens têm sempre uma fraqueza; a do Sr. conselheiro Zacarias é a das vinganças mesquinhas. Não podendo, e contando talvez nunca poder saciar em mim essa paixão, que faz o fundo do seu caráter, e que domina todos os atos da sua vida. S.Exc. foi procurar uma vítima inocente. Com tanto que eu me incomodasse e que eu soubesse que ofensa que se lhe fizesse nunca ficou sem castigo, a justiça que sofresse e a inocência que chorasse. A vítima escolhida foi o meu ilustrado e virtuoso irmão, o Dr.

Manuel Soares da Silva Bezerra, procurador fiscal da tesouraria de fazenda do Ceará. Enquanto dirigiram os negócios da fazendo homens de saber e de reconhecida capacidade, e bom senso com os Souza Francos, os Itaborais, os Sales, os Paranhos e companhia, o procurador fiscal do Ceará foi considerado como um empregado digno de respeito por seu saber e pelo zelo que sempre desenvolveu no desempenho de suas obrigações. Sua ilustração não é de ofuscar, mas, com certeza, não é de invejar a do Sr. conselheiro Zacarias, e o zelo que emprega no cumprimento de seus deveres é atestado pela província toda, que o aponta com um modelo de escrúpulos e exatidões. Foi preciso, pois, que se fizesse ministro da fazenda o Sr. conselheiro Zacarias, para que o empregado, cujo conceito estava firmado em longos vinte anos de nunca interrompida aprovação de seus pareceres, fosse demitido e demitido por falta de zelo e perícia! Desgraçadamente chegamos a um tempo em que ministros da laia do Sr. Zacarias tem poder para condenar em nome do zelo e da perícia que devem fazer o característico do público! É o último grau de perversão a que podia chegar a nossa sociedade! Se o coração nobre e generoso da vítima não tivesse

repelido a vingança, mesmo nos limites de uma justa defesa; se a generosidade e caridade do demitido não se estendesse até ordenar-me: que deixasse a Deus o juízo sobre o justiça do Sr. ministro da fazenda, sem dúvida que S. Exc. não riria tão contente como deve estar rindo ao sabor da vingança que julga ter tomado de quem não se arreceiou dos seus maus instintos. Visto, pois, que não posso justificar meu irmão, por me haver ele proibido, embora sua justificação ele próprio a fizesse no Mercantil de 22 do corrente, quando defendeu inspetor demitido pela mesma razão que ele. Visto que o respeito e obediência que devo ao chefe de minha família, não permitem descarnar diante do público os motivos reais e os que foram alegados para aquela demissão, limitar-me-ei a desempenhar dois deveres, um de cristão, outro de brasileiro. Como cristão peço ao Sr. conselheiro Zacarias, em nome da igreja de que S. Exc. procede, que seja mais compassivo, e que se não puder ser de uma caridade perfeita, nutra ao menos sentimentos mais humanos. S.Exc. que por todas as razões deve conhecer bem os evangelhos há de saber melhor do que eu: que o mal só é mal para quem o pratica. Na vingança que julga ter tomado de mim, demitido meu irmão, o único a lastimar é S. Exc. A

vítima recebeu o golpe como verdadeiro cristão, que sabe ser e perdoou o algoz: S. Exc. porém, como terá a consciência quando se lembrar, que, sem motivo confessável, tirou o pão a um seu colega de bancos acadêmicos, velho, honrado e inteligente servidor do estado; carregado de 18 filhos?? Como terá S. Exc. a consciência quando souber que a vítima vê no mal que S.Exc. lhe fez, um bem que Deus lhe enviou; e aquele por cuja causa S. Exc. tirou a um companheiro velho vinte anos de bons serviços, ri de todo o seu poder, e ri com o riso de compaixão que provoca sempre a ira impotente das cabeças tresmalhadas na loucura de um orgulho insensato, mil vezes mais lastimável que a verdadeira loucura, porque esta ao menos tira a consciência? Como cristão repto a S. Exc.: seja mais compassivo, tenha caridade, despeça de se esse sentimento de vingança, que não assenta senão nas almas baixas; e sobretudo não creia que seu poder e seu orgulho faça tremer a quem tem dignidade. Agora, como brasileiro, não posso deixar de chamar a atenção do meu pai para esse fato; Enquanto o Brasil sofre os horrores de uma guerra e de uma crise financeira, como nunca vimos, o presidente do conselho em vez de curar da salvação pública, em vez de prover sobre as nossas finanças,

gasta sua energia, sua atividade e sua proficiência, em pequenas vinganças, em questiúnculas sem interesse, em objetos que só podem demorar a atenção de... de mascates de miudezas. Ninguém vê, no meio do perigo em que nos achamos, um ato sério, grande refletido, que revele ao público a capacidade do ministro de fazenda, que mostre ao país como S. Exc. está na altura da situação melindrossima do Brasil. E como, se S. Exc. o Sr. ministro da fazenda, apesar de sua proa, não passa de quitandeiro em finanças?! Infeliz pátria minha, onde o Sr. conselheiro Zacarias depois de nos ter arrastado a um abismo, por seus disparates financeiros, ainda tem o direito de nos governar; isto é de acabar de nos sacrificar!!

Dr. Adolpho Bezerra de Menezes.
Rio 29 de janeiro de 1868
(Diário do Povo)

O jornal maçônico do Ceará que se chamava "Fraternidade" publicou inúmeros textos contra as conferências de Manuel Soares enquanto que a sociedade cearense católica nutria verdadeira admiração pelas conferências do nosso maior filósofo cearense ultramontano.

Agora, resta saber, onde foram parar as conferências e os livros escritos por Manuel Soares. Devemos sempre ser gratos a Manuel Soares, pois é graças a ele que a ação intelectual católica leiga foi criada no Ceará.

Mas o que exatamente Manuel Soares defendia e acreditava. Eu fiz uma lista:

- O tradicionalismo católico;
- A doutrina católica;
- A monarquia brasileira;
- O reinado de Dom Pedro II;
- O ultramontanismo;
- O respeito ao passado católico;
- Que a verdade é revelada e não descoberta;
- A harmonia entre a política e a religião católica;
- A obediência a autoridade papal;
- A família tradicional;
- A abolição da escravidão no Brasil de forma lenta e progressiva;
- O idioma português;
- O absolutismo;
- O conservadorismo moral;

Eu também fiz uma lista de coisa que Manuel Soares combatia e detestava:

- O espiritismo;
- O ateísmo;
- O pluralismo religioso;
- O racionalismo;
- O progressismo;
- A ideia que diz que a liberdade é absoluta;
- Liberalismo;
- Maçonaria;
- Protestantismo;
- Naturalismo ou panteísmo;
- O iluminismo;
- Filosofia cartesiana;
- O paganismo;
- A revolução francesa;
- O latim;

E se alguém ainda tem dúvidas de que Manuel Soares era um filósofo católico, esse texto, publicado no Compêndio de Gramática Filosófica, capítulo 1, da formação das ideias, resume perfeitamente a filosofia de Manuel Soares da Silva Bezerra, que nada mais era que um filósofo católico:

"Depois de haver criado uma multidão infinda de diferentes seres especiais; uns corpóreos, outros incorpóreos de que povoara o céu e a terra, criou Deus o homem, composto de alma e corpo substancialmente unidos na unidade de seu ser, e revelou-lhe pelos sentidos a existência dos seres corpóreos, suas qualidades, suas modificações e suas relações; e pela sua palavra a dos incorpóreos, suas faculdades, suas modificações, seus deveres e seu destino. Saído das mãos de Deus, não podia o homem sem nenhuma ideia, sem nenhum conhecimento dele, percebê-lo, conhecê-lo, nem conhecer-se a si, a lei, o de ver, o bem e mal moral, senão pelo ensino de seu Criador, pela palavra divina, que devia receber e transmitir à sua descendência, sob pena de perpétua ignorância do que mais lhe importava saber. Por esta revelação tanto do mundo físico como do mundo moral, dotou Deus o homem de — estabilidade, imaginação e entendimento, formando-o assim que pela impressão dos objetos corpóreos sobre seus órgãos, seus sentidos recebem a forma desses mesmos corpos sem a matéria, bem como a cera a do sinete de prata ou cobre sem a matéria deste, e a

transmitem à imaginação em estado de imagem ou fantasma. A imaginação ou fantasia, faculdade sensitiva, que não excede o particular, não representa senão as imagens ou fantasmas a sua luz intelectual, ou a sua virtude de universalizar o singular, despoja-os destas condições de individualidade, espiritualiza-os, e forma a ideia. A ideia é, pois, a concepção do particular de um modo universal. Ela é filha do entendimento sem o menor concurso do corpo. O entendimento a gerou de si mesmo, conhece-a, entretém-se com ela, e tende a manifestá-la fora de si por sinais, e realizá-la por ações. Este conhecimento é o que se chama Verbo assim, o sentido da vista, por exemplo, o olho, formando espécie intencional, ou a imagem de uma casa, de uma mesa, de uma cadeira, sem a sua matéria, não a despoja de suas condições materiais de lugar e de tempo. Ele vê sempre esta casa, esta mesa, esta cadeira, neste momento, neste lugar; entretanto o entendimento, despojando as imagens ou fantasmas destes objetos destas condições materiais, generaliza o que o olho não tinha feito senão espiritualizar, e vê ai A casa, A mesa, A cadeira. Assim, os sentidos nos mostram o ser, o indivíduo; e o entendimento a ideia, a espécie dele. É por esta

maneira ou economia que, transmitindo os sentidos a imaginação senão a imagem ou fantasma de um ser singular, de um ser tendo estas qualidades, estas relações com os outros, a inteligência ou o entendimento forma a ideia das qualidades e das relações gerais dos seres, isto é, as ideias de cor, de grandeza e falso, de passado e de futuro, de substância e de acidentes, de indivíduo e de espécie? de concreto e abstrato, de todo e de parte, de princípio e de consequência. Esta é a ordem do desenvolvimento do espírito humano na formação das ideias dos objetos ou seres corpóreos; mas não é a mesma na dos incorpóreos ou insensíveis; porque, como não são realizados em alguma matéria ou corpo, não formam imagem ou fantasma de si mesmo e por si mesmo. Contudo é certo que o entendimento não pode formar a concepção geral, a ideia destas mesmas coisas imateriais, nem tornar inteligível a natureza delas sem o seu particular. Em Deus mesmo, que não tem gênero, pudemos distinguir o que lhe convém ser do que realmente é; podemos considerar a sua natureza separada da sua existência e formar a ideia dele. Se, quanto ao resto das coisas da mesma ordem espiritual e moral, é necessário que qualquer delas seja representada por

um fantasma ou imagem da mesma natureza, para o entendimento formar ideia dela. É, pois, a palavra, quer articulada pela voz, quer expressa pela escritura, que, passando pelos olhos ou pelos ouvidos, se coloca como fantasma da imaginação. Então o entendimento, olhando ao mesmo tempo o objeto particular que a palavra indica, e o fantasma ou a mesma palavra em que ele está encerrado, torna-o inteligível, esse objeto imaterial, entretém-se com ele, olha-o em suas condições universais, discorre e raciocina. Assim, o homem a quem se revelou o verdadeiro Deus, os anjos, as almas, bem pode formar ideia de Deus, do anjo, da alma; mas não poderá formar ideia da virtude e do vício, se lhe faltar neste ponto a instrução, se não lhe foi revelado o particular da virtude e do vício, ou não se lhe disse que tal ato é virtuoso o tal outro é vicioso. Mas cumpre notar que, nestas revelações das coisas imateriais, o entendimento não procede por subtração, como quando opera sobre os fantasmas das coisas materiais, mas por adição; porque estas coisas imateriais não criam de si fantasmas propriamente ditos. Ele tem já em si as ideias de causa e de efeito, do grande e do pequeno, de quantidade limitada e de quantidade ilimitada;

aplica, pois, estas ideias ao Deus do que se lhe fala, e torna inexigível a obra de Deus, quanto é possível compreendê-la. Ele tem também em si as ideias de certas coisas invisíveis, ocultas nas coisas visíveis, servindo-lhe de apoio e de causa de movimento, assim como de outras coisas que se sentem sem poder vê-las, nem aprendê-las, como o ar e a luz: aplica, pois estas ideias à alma, e torna inteligível a natureza dela. Ele tem ideias do bem e do mal físico; porque procura um e foge do outro: aplica, pois, estas ideias aos atos que só lhe representam como boas e más, e torna inteligível: a virtude ou o vício, a obrigação e o dever. Assim, a respeito das coisas imateriais, não se formam ideias propriamente ditas, abstraindo o geral do particular; mas formam-se conhecimentos mais ou menos exatos das coisas particulares da ordem imaterial, adicionando-lhes as concepções gerais, que se tem formado por ocasião dos fantasmas das coisas da ordem material. Revela, porém, saber que, quer os objetos materiais de que se forma ideia, quer os materiais de que se forma o conhecimento não existem na abstração e no geral, mas no concreto e no particular. Assim, na ordem incorpórea, não existe homem, mas sim homens; não existe o bruto, mas sim os brutos; não existe a

cor, o som, o sabor, mas sim corpos colorados, corpos sonoros, corpos saborosos; na ordem moral e científica, não existe a virtude, o vício, a ciência, a arte, a indústria, mas sim atos ou homens virtuosos ou viciosos, sábios, artistas, industriosos. Tudo isto: o anjo, a alma, o homem, o bruto, a cor, o som, o sabor, a virtude, o vício, a ciência, arte, indústria só existe em nosso entendimento, no estado lógico, no estado de concepção mental, no estudo da ideia. Cabe aqui dizer que, como o entendimento não percebe diretamente as coisas senão nesta concepção universal, segue-se também que ele não percebe primeiramente senão a espécie da coisa, e que é depois e reflexivamente que percebe a coisa, de que se forma a espécie; e segue-se também que o entendimento não percebe nem pode perceber diretamente às coisas singulares, mas sim indiretamente e de uma maneira reflexa. Assim se operou e opera a revelação do mundo físico pelos sentidos, e a do mundo moral pela palavra ou ensino, que tem passado na tradição como um fideicomisso de geração em geração, através do séculos, em todos os povos do mundo; mas é preciso reconhecer no homem uma faculdade indispensável para recebê-la. Esta faculdade é a fé natural, assim no

testemunho dos sentidos como na palavra de Deus, e na dos nossos pais pela tradição; fé indispensável, como o meio para o fim, como a condição essencial da vida individual ou social, da vida física e moral; porque, sem ela, o homem não poderia confiar-se e julgar-se seguro no comércio e comunicação diária com os outros, nem aceitaria por deveres os que é obrigado a cumprir".

Conclusão

Uma das minhas grandes aspirações nesta vida era mostrar publicamente, através de um livro, o meu respeito, estima e admiração pela filosofia de Manuel Soares.

Se alguém ler esse livrinho, notará, porventura, que não tive sistema e nem método no que escrevi, porque este livro é como se fosse um resumo de notas que tomei sobre a vida de Manuel Soares da Silva Bezerra.

A verdade é que eu sou o único cearense que realmente entendeu a filosofia de Manuel Soares.

Parece-me que estas curtas reflexões são o suficiente para mostrar a decadência da filosofia no Ceará, e que os tempos antigos, sobretudo o século XIX e XX eram melhores do que os tempos de hoje em questões filosóficas.

A análise da vida e obra de Manuel Soares merecia o estudo e a publicação de um livro melhor que o meu. Porém, eu sei que o indivíduo é único e que nunca mais vai surgir alguém igual a mim e que tenha os mesmos pensamentos que eu. Por isso, eu mesmo tive que buscar estudar a vida e obra de Manuel Soares, pois se eu não fizer isso ninguém vai fazer.

Não encontrei no Ceará ou no Brasil livro que tratasse claramente a vida e obra de Manuel Soares. Sobre ele, tudo ainda é muito nebuloso.

E para encerrar essa pequena obra quero deixar aqui algumas homenagens feitas por intelectuais cearenses a Manuel Soares da Silva Bezerra:

> Artigo publicado no jornal O Ceará, edição de domingo, 2 de dezembro de 1888.
>
> "As bordas do sepulcro do crente que se esvaiu num meigo sorriso de anjo, a lágrima simboliza a saudade e representa a esperança. Prantear o justo que se desprende das cadeiras terrenas e acende as místicas regiões da eternidade, é abraçar a viandante que, chamado a chama celeste, mergulha na noite do túmulo, tendo como bordão a cruz e como guia a fé. São verdadeiramente felizes os que crêem: são

realmente ditosos os que junto ao sarcófago disputam ao nada do século a alma do cristão. Ante o túmulo do justo sentimos ferir-nos o coração o acre-doce da saudade; deslizasse-nos pela face a tépida lágrima do amor e da amizade; vemos escancararem-se as faces da sepultura tétrica e feral; mas o espírito rociado pelo santo orvalho da crença religiosa compraz-se na consoladora certeza da imortalidade de uma existência sem dores e sem fim. O crente que some-se pelos desertos do túmulo, em viagem para a mansão dos eleitos, não é simples mortal que passa ao olvido do nada, porque, naufragando no pelago da vida material, a soma vitorioso e feliz nas plagas de Sião eterna. Assim desapareceu de entre nós, finando-se nesta capital, no dia 29 do mês de novembro recentemente passado, o venerando ancião Dr. Manuel Soares da Silva Bezerra, desta província e chefe proeminentíssimo de distinta família. Bacharelando em ciências jurídicas e sociais no ano de 1836, com 26 anos de idade, pois que nascera em agosto de 1810, aqui consorciou-se com a D. Maria Tereza de Albuquerque em 1837. Residiu sempre na província que lhe foi berço, de que tanto ela se orgulha. Sua vida pública foi, como a íntima, um contínuo

exercício de virtudes. Chamado a elevados cargos de nomeação do governo geral e do provincial, e a outros de eleição popular, o ilustre finado ornou-os todos com brilho de sua inteligência, ilustração e virtudes. De seu felicíssimo consórcio, cujo quinquagésimo aniversário ele teve a fortuna de solenizar há cerca de um ano, contam-se dez filhos dos quais salientam-se os nossos amigos Antônio Bezerra, nosso colega de redação, o mavioso poeta de "dos sonhos de moços", major Israel, um dos bravos do Paraguai, Afio Bezerra, Francisco Soares, João Batista, Antero e Adolfo. Nosso jornal enluta-se hoje, consagrando a saudosa memória do finado uma edição especial: justíssimos e bem poderosos são os motivos desta solene manifestação, deste derradeiro tributo pago ao boníssimo e virtuoso mestre. Comungando as mesmas ideias que as albergavam no espírito eminentemente lúcido do preclaro cidadão que choramos hoje, sentimos na alma a dor da saudade, vendo sumir-se no ocaso da vida o batalhador enérgico e invicto que, coroado de cans, ostentava um coração de moço na defesa da fé católica, abrilhantando e enaltecendo grandiloquamente a imprensa desta terra que lhe deu o berço e que, ciosa de seus preciosos restos, os

guarda no seio da tumba. Astro de prima grandeza no céu as letras pátrias, tinha ele um fulgor místico que, passando desapercebido aos olhos do mundo material, luzia com a vivacidade de um foco elétrico na vastidão do mundo intelectual e do moral. Sua pena, sempre inspirada e feliz, deu as maiores batalhas ao erro e à impiedade; assestada contra os inimigos, eles jamais deixou de bater as inverdades do filosofismo e o absurdo da heresia. Dir-se-ia o ígneo alfange das portas do bíblico paraíso, empunhado sempre contra os apóstolos das trevas. Em nome da verdadeira ciência ele aprofundou com maestria notável todas as questões que entendiam com a religião católica, muitas e muitas vezes caluniada na imprensa cearense; escrevia com a energia de mestre e discorria com a proficiência de sábio que o era. Espírito profundamente adiantado e refratário a todo o sentimento que se não coadunasse com suas arraigadas crenças, ele — o Dr. Soares — nunca assomou na arena jornalística movido pela vaidade ou pelo prurido de glórias mundanas, não. Atalaia infatigável da cidadela da fé católica, ele, tão humilde quanto valente, não consentia que impunemente se desfechar um golpe contra a santidade de nossas crenças: uma contradita

imediata, enérgica, fundamentada e peremptória surgia. Com a rapidez da flecha disparada pelo indígena, da pena do Dr. Soares, sem embargo de nenhum obstáculo. As frequentes controvérsias científicas em que se empenhou na lira do jornalismo católico são uma verdade que, evidentemente conhecida, dispensa encarecimento. Quer na imprensa, quer na tribuna, o ilustrado mestre, cuja erudição era vastíssima e profunda, manifestou sempre a máscula energia de suas convicções, defendendo-as com os recursos da ciência sem jamais descer á pequenez do vocabulário injurioso. Arrostando valente e modestamente o orgulho do século, ele não permitiu nunca que a mentira e o sofisma, aformosear com as vestes da ciência, ecoassem sem um brado de indignação, sem um protesto imediato. O devotado defensor da ciência e da fé, que, estudando dia e noite se constituirá o santo anatematizado do ímpio literarismo, era sempre e em toda parte o mesmo homem de bem, ostentava sempre o mesmo caráter em todas as manifestações de sua vida pública ou particular. Na escabrosidade da vida oficial, onde por vezes foi convidado a cargos de máxima confiança, o Dr. manuel Soares fez atingir seus

deveres à altura de uma religião. Funcionário distintíssimo pela ilustração que cariquecia-lhe a inteligência fecunda e pronta, ele, como tal, não só honrou a classe, como também deixou compendiados os mais edificantes exemplos de saníssima probidade e de ilibada inteireza. No conchego do lar, onde era uma providência, suas virtudes duplicavam em realce como estrelas fulgentes em um céu límpido de uma madrugada do outono, lira fortíssima coluna em "que se arrimou até os últimos momentos, uma descendência numerosa, enobrecida pelas seletas virtudes de seu venerando chefe, e felicitada pelos ensinamentos e exemplos de tão ilustre ancião". Patriarca virtuoso e sábio, trabalhador e modesto, valente e humilde, o Dr. Soares que ora pranteamos, teve a suprema felicidade do justo... Sua agonia extrema foi amenizada pela augusta presença de uma família inteira, por ele educada nos sacrossantos preceitos da religião católica que, representada naqueles instantes pelos veneráveis levitas do Senhor, derramava sobre sua fronte encanecida e pálida, mas aureolada com o fulgor da virtude, o santo bálsamo das preces derradeiras. O Dr. Manuel Soares baixou à tumba sob o peso de 78 anos de idade, consagrados às lides

da inteligência, à prática do bem, ao serviço de Deus e do Homem e ao exercício ininterrompido de todas as virtudes religiosas e cívicas. Pêsames à Igreja, a Sociedade Cearense, à família humana, às letras pátrias e a província do Ceará. Eis em ligeiros traços estereotipado quem, entre nós, chamou-se Manuel Soares da Silva Bezerra, cujas virtudes são-nos um fanal e um estímulo. O jornal em cujo nome deixamos escritas estas orações, enluta-se hoje, é certo; mas não se entristece com a tristeza do materialista, vendo desaparecer o venerando mestre e amigo, porquê tem a dulcíssima consolação de saber que o pranteado ancião se esvaiu como um anjo e adormeceu como justo, alando-se às incomensuráveis párageus do infinito".

Agora irei reproduzir outro excelente texto escrito por Milton Dias Lúcio Alcântara em 1978, discurso proferido na Academia Cearense de Letras, quando da posse do Acadêmico Lúcio Alcântara na cadeira de número 26 em 1978. Discurso sobre Manuel Soares da Silva Bezerra:

"Na figura de Manuel Soares da Silva Bezerra — ilustre Patrono da Cadeira número 26 — o difícil é exaltar, dentre muitas, as qualidades que

exornavam sua personalidade, sem que a menção a algumas obscureça outras, prejudicando o conhecimento por inteiro de sua vida e obra. Manuel Soares da Silva Bezerra, nascido no Riacho do Sangue, hoje Jaguaretama, em agosto de 1810 foi homem de pensamento e de ação, havendo se destacado mercê de seu caráter reto e coerência espiritual, que lhe valeram sempre como normas de conduta, das quais nunca se afastou. Bacharel em direito pela faculdade de Olinda, de volta ao Ceará ingressa na política, havendo sido deputado provincial em duas legislaturas (1840-1843 e 1870-1873), vice-presidente e posteriormente presidente da assembléia, deputado geral no quatrênio 1860-1863 e terceiro vice-presidente da província. Neste último posto, exerceu a direção do governo por alguns dias, em outubro de 1872. Foi, ainda, juiz municipal em Quixeramobim, lente substituto de geometria e efetivo de português no então liceu em Fortaleza. Exerceu na administração pública os cargos de inspetor interino da instrução pública, procurador fiscal da tesouraria da fazenda e inspetor do tesouro provincial, em que viria a se aposentar no ano de 1874. Foi dinâmico colaborador de vários jornais da terra e escreveu

diversos livros, todos tendo por temas assuntos de filosofia e vernáculo, nos quais foi muito versado, e de religião, católico ardoroso que era. Por sua fé granítica e constante devoção à causa da Igreja, foi agraciado pelo Papa Pio IX com o hábito de Gregório Magno. Seus principais escritos são: Compêndio de Gramática Filosófica — 1861; Os Dogmas Políticos do Cristão — 1864; Compêndio de Gramática da Língua Nacional — 1877; O Inferno ou a Refutação dos que negam a existência do inferno — 1868; O que é o protestantismo — 1884, livro que assinou como um Suiço do Vaticano e dedicou às pessoas e famílias católicas em prol de sua fé. Os ensinamentos morais que transmitiu e as lições de virtude que nos legou são atuais porque são universais, forradas do idealismo que resiste ao tempo, porquanto meta a ser permanentemente perseguida. São palavras suas no prólogo de os dogmas políticos do cristão. "Sim: quem reflete sobre nossa moralidade, comparando-a com a dos séculos passados, não deixará de perceber que dela só conservamos o verniz, a aparência. Não é, antes fosse uma exageração. Os mais ilustrados, a quem seguem os ignorantes, isso que se chama gente grada da sociedade, tem por princípio na teoria e na prática

que tudo é lícito na política, sem exceptuar mesmo o que se opõe à religião, à moral e à lei". Mais adiante, no mesmo texto, afirmava ser iníqua toda lei que não repouse sobre princípios morais, ao dizer textualmente: "Suprimindo-se a repressão moral suprime-se igualmente a repressão legal pela consequência de que a autoridade, que a exerce, é tal qual aquele a quem reprime e a que por isso seus atos são tirania e não justiça". Católico decidido e apaixonado, atribui os males da nossa política, que increpa de "pior que a dos pagãos e gentios", à religiosidade do povo. Verbera contra os ímpios e deplora os que escarnecem dos católicos praticantes. Foi um crítico enérgico da política do crescimento material ilimitado, apoiada "na doutrina do príncipe do mundo e dos sábios de um dia". Polemista, espírito enérgico e viril, nunca deixou de terçar armas em defesa de suas arraigadas convicções. Brandia sua pena fulgurante através da imprensa em defesa da fé e da religião, frequentemente agredidas pelo pseudo-cientificismo dos que na sua incipiência supunham já conhecer tudo sobre os insondáveis mistérios do universo. Sem recusar o debate e sem temer o entrechoque das idéias, distingue entre os seus oponentes "os que criticam com bom senso e

civilidade somente por amor da ciência, dos que criticam de tudo por divertir à sua malignidade habitual; dos que criticam de tudo, porque não podem por sua inveja sofrer que outrem faça o que eles não podem fazer". Sensível à crítica honesta e racional, revela sinceridade de propósito e disposição de emendar-se quando incorrer em equívoco ao afirmar no prefácio à Gramática da língua nacional, de sua autoria, não desejar, veicular suas idéias e lições, "introduzir na circulação moeda falsa por verdadeira". Manuel Soares da Silva Bezerra veio a falecer no dia 29 de novembro de 1888, deixando descendência numerosa, na qual despontou a figura de seu filho, Antônio Bezerra, poeta e historiador e um dos fundadores da Academia Cearense de Letras. De sua morte ocupou-se o jornal O Ceará, em número especial de 2 de dezembro, em artigo por Vicente Mendes e de onde extraímos o trecho seguinte: "Sua vida pública foi como a íntima, um contínuo exercício de virtudes. Em nome da verdadeira ciência ele aprofundou com a maestria notável todas as questões que entendiam com a religião católica, muitas e muitas vezes caluniada na imprensa cearense; escrevia com a energia de mestre e discorria com a proficiência de sábio que era". A

escolha de seu nome para patrono de uma cadeira nesta casa da cultura e da ciência cearense, foi ato de inteira justiça praticado sob elogiável inspiração. Inicialmente Patrono da Cadeira de número 18, ocupada por Manoel Antônio de Andrade Furtado, que lhe fez seguida em religiosidade, talento e nobreza, de espírito teve, à semelhança de outros, seu nome eliminado e substituído pelo de D. Joaquim José Vieira, por ocasião da reforma operada na Academia no ano de 1930. Felizmente, a lamentável ocorrência seria reparada mais tarde. Com efeito, na reorganização processada em 1951, foi restaurada a homenagem ao grande vulto, tomando-se seu nome para Patrono de uma nova Cadeira, a de número 26, até hoje, sob a guarda de sua honrada memória".

No livro Esboços e Perfis, o jornalista católico Andrade Furtado, escreveu um pequeno comentário sobre Manuel Soares que agora reproduzo:

"Militou na imprensa desta Capital, pelas colunas do "Pedro II", do periódico "América" e da "Tribuna Católica". Pode ser considerado, com justiça, o precursor, entre nós, do jornalismo a

serviço da Igreja. Acompanhava as renidas do tempo, através do órgão parisiense "L Univers", de Luiz Veuillot. Foi catedrático de português do Liceu do Ceará. Escreveu "Questões de Gramática Filosófica", "Compêndio de Gramática Nacional", "O que é o Protestantismo" e os "Deveres Políticos do Cristão". Os títulos dos seus trabalhos revelam a visão segura e arguta dos problemas que, mais tarde, assumiram suma relevância no panorama da crítica moderna. Desempenhou, mais de uma vez, o cargo de representante do Eleitorado na Assembleia Provincial, de que chegou à presidência, em uma legislatura. Foi ainda, deputado geral, havendo-se com elegância e aprumo, no apurado meio parlamentar da corte. A sua integridade moral e firmeza de convicções emprestaram-lhe a auréola de veneração de que sempre viveu iluminado. Os adversários respeitavam a sua têmpera de antes quebrar que torcer, reconhecendo a correção vertical das suas atitudes".

O jornal Pedro II também fez uma nota sobre o falecimento do filósofo Manuel Soares:

"Às 9 horas da manhã do dia 29 de novembro faleceu nesta capital, o nosso ilustre comprovinciano e amigo Dr. Manuel Soares da Silva Bezerra, vítima de rebelde moléstia, que resistiu a toda intervenção médica. Homem pacifico, de espírito culto e coração bem formado, representou papel saliente no nosso meio social e político por um tempo bastante longo. Nasceu em agosto de 1810, formou-se em direito na academia de Olinda em 1836 e casou-se em 1837 com sua virtuosa prima, Sr. D. Maria Tereza de Albuquerque, de cujo consorcio teve 10 filhos. Foi eleito deputado provincial nos biênios de 1840 a 1841, de 1842 a 1843, de 1870 a 1871 e de 1872 a 1873, sendo vice-presidente no biênio de 1870 a 1871, e presidente na sessão de 1842. Foi eleito deputado geral na legislatura de 1845 a 1847 e presidente da câmara municipal desta capital no quadriênio de 1860 a 1863. Os governos provincial e geral também não deixaram de considerá-lo devidamente. Foi nomeado juiz municipal de Quixeramobim, depois lente substituto de geometria do Liceu, em cujo carater assumiu por três vezes, interinamente, o exercicio da Inspectoria geral da instrução pública, em abril e agosto de 1859 e em abril de 1860; procurador fiscal da tesouraria de

fazenda e inspetor do tesouro provincial, lugar em que se aposentou em 1874. Foi também agraciado com o hábito de Cristo e nomeado 3 vezes vice-presidente da província, chegando a assumir, uma vez, poucos dias, as rédeas da administração, em 30 de outubro de 1872. Fervoroso católico, jamais recusou os serviços de sua pena em defesa da religião cristã, merecendo ser distinguido pelo Papa Pio IX com o hábito de São Gregório Magno. Dedicou-se com ardor ao estudo da língua vernácula e da latina, bem como da filosofia, deixando vários trabalhos de merecimento científico. Ultimamente residia na cidade de Baturité, tendo viajado há pouco dias para esta capital em procura de melhoras para a sua piedosa saúde, sucubindo, infelizmente, aos 78 anos, sem que a medicina pudesse adiar o dia fatal. Nós que tivemos a honra de abrilhantar a nossa redação com artigos do finado, rendemos-lhe nossa homenagem ante o seu túmulo e dirigimos sentidos pêsames a sua ilustre e numerosa familia".

Fim